



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**DYEGO MEDEIROS DE ALMEIDA**

**A ETNOICHTIOLOGIA DOS PESCADORES ARTESANAIS  
DA COMUNIDADE DA PRAIA DA PENHA,  
JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**Setembro de 2013**

**DYEGO MEDEIROS DE ALMEIDA**

**A ETNOICTIOLOGIA DOS PESCADORES ARTESANAIS  
DA COMUNIDADE DA PRAIA DA PENHA,  
JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Érica Caldas Silva de Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

Setembro de 2013

A447e Almeida, Dyego Medeiros de.  
A etnoictiologia dos pescadores artesanais da comunidade da Praia da Penha, João Pessoa, Paraíba, Brasil / Dyego Medeiros de Almeida. – Campina Grande, 2013.  
66f. : il.

Orientador (a): Érica Caldas Silva de Oliveira.  
Monografia (Ciências Biológicas) – UEPB/CCBS.

1. Pesca artesanal. 2. Etnoictiologia. 3. Ictiologia. I.Oliveira, Érica Caldas Silva de. II.Título.

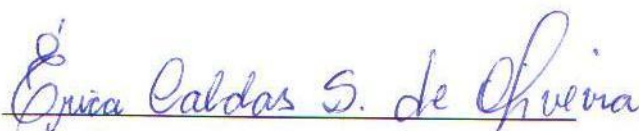
CDU 639.2(043.2)

**DYEGO MEDEIROS DE ALMEIDA**

**A ETNOICHTIOLOGIA DOS PESCADORES ARTESANAIS  
DA COMUNIDADE DA PRAIA DA PENHA,  
JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL**

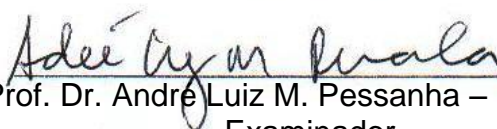
Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas (Licenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado em Ciências Biológicas.

Aprovada em 10/09/2013 .



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Érica Caldas S. de Oliveira – UEPB/DB

Orientadora



Prof. Dr. André Luiz M. Pessanha – UEPB/DB

Examinador



Prof. MSc. José Valberto de Oliveira – UEPB/DB

Examinador

## DEDICATÓRIA

*Ao meu Deus e Familiares, pela força, amor, companheirismo e amizade, DEDICO.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus.

Ao meu pai Edilson, a minha avó Vanda Maria (guerreira especial com sua doçura mesmo que informal) a minha tia Edna Falcão (Edinha), a minha mãe Dayse e aos meus tios Ted Wilson (E. Rodrigo), Vamberto e Arthur, pela compreensão e ajuda nos momentos de dificuldade. “Equipe patrocínio”

A minha namorada Maysa Mayara, pela força e companheirismo.

À professora Dr<sup>a</sup> Érica Caldas Silva de Oliveira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e ao Professor Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves pelas primeiras ideias dadas ao fundamento do projeto.

Aos meus irmãos e irmã, por existir em minha vida.

Ao meu avô José de Almeida (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, suas palavras ainda rodam em minha mente, dando-me força.

A Estela pelo cursinho.

Aos professores examinadores pela colaboração e sugestões.

Aos professores do Curso da UEPB, em especial, Helder Albuquerque, André (Fisiologia Animal), Valberto, Dilma Trovão, Humberto (Legislação Ambiental), Érica Caldas (orientadora), que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos pescadores artesanais da praia da Penha.

Ao americano do cachorro quente.

Aos colegas de classe: João Paulo (JP), Joasiel (Bola de Fogo), Wollace Heitor (animal), Aldo (saguim) Janio Marinho (xera), Bruno (gato morto) e amigos de convivência: Riquete, Fernando Vital, Jean Carlos (sapão), Romulo (Revelação) pelos momentos de amizade e apoio.

## RESUMO

A interação de populações humanas com os recursos naturais, principalmente relacionada a percepção do saber e aos diversos usos destes recursos constitui uma base para o conhecimento etnoecológico. Esta pesquisa aborda, com base no conhecimento popular, saberes de pescadores artesanais da comunidade pesqueira da Praia da Penha, João Pessoa, Paraíba, Brasil, de modo a analisar, através de um estudo de caso exploratório, o universo ictiológico da comunidade investigada, de tal modo que seja feita uma minuciosa descrição quantitativa de qualidade do objeto investigado na pesquisa. A proposta de trabalho adotada aqui concilia as ferramentas das pesquisas etnocêntricas com a visão subjacente ao saber científico que permeia a ictiologia. Diante dos resultados alcançados no decorrer desta pesquisa, verifica-se que a comunidade de pescadores artesanais da Praia da Penha possui um vasto acervo ictiológico. Com o levantamento de 192 espécies de peixes na região, verificou-se que 72 espécies são preferidas a pesca devido sua maior comercialização, sendo as três mais procuradas a Guarajuba, Cioba e Serra. Em suma, esta pesquisa proporcionou uma visão detalhada do universo ictiológico da comunidade de pescadores artesanais da Praia da Penha, descrevendo o uso alimentar, zoterápico e os métodos de captura, no qual servirá de parâmetro para futuras investigações que se interessem por temas que aqui são avaliados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnoictiologia. Ictiologia. Pesca artesanal. Pesca.

## ABSTRACT

The interaction of human populations with natural resources, mainly related to the perception of knowledge and the various uses of these resources constitutes a basis for the ethno-ecological knowledge. This research deals with on the basis of folk knowledge, knowledge of artisanal fishermen fishing community the Beach Penha, Joao Pessoa, Paraiba, Brazil, in order to analyze, by means of a case study of exploratory, the universe Ichthyology of community investigated, in such a way that it is made a thorough description of polling object investigated in the research proposal. Therefore, the proposed work adopted here combines the tools of research with ethnocentric vision underlying the scientific knowledge that permeates the ichthyology. Given the results achieved during this study, it appears that the community of fishers from Beach the Penha has a wide leather ichthyological. With the removal of 192 species of fish in the region, it was found that 72 species are preferred fishing due its greater marketing, being the three most sought after the Guarajuba, Red Snapper and Sierra. In short, this research has provided a detailed overview of the universe chthyological the community of artisanal fishermen the Beach of Penha, describing the food use, zootherapeutic and the methods of capture, which will serve as a parameter for future investigations that are interested in themes that here are evaluated.

**KEYWORDS:** Ethnoichthyology. Ichthyology. Fishing.



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Estado Civil dos Entrevistados.....	33
Gráfico 2 – Grau de Escolaridade dos Entrevistados.....	34
Gráfico 3 – Perfil da Atividade Econômica dos Entrevistados.....	35
Gráfico 4 – Origem da Prática da Atividade Pesqueira.....	37
Gráfico 5 – Percepção de Queda pelo Interesse na Atividade Pesqueira.	38
Gráfico 6 – Principais Métodos de Utilizados.....	45
Gráfico 7 – Peixes mais usados na alimentação.....	49
Gráfico 8 – Peixes menos preferidos na alimentação.....	50
Gráfico 9 – Espécies Remosas.....	51
Gráfico 10 – Espécies Citadas como Medicinal.....	52

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Tamanho do Núcleo Familiar e Tempo de Moradia.....	36
Quadro 2 – Lista das Espécies Citadas e dos Métodos de Captura.....	39
Quadro 3 – Espécies Preferidas para a Pesca.....	46

## **LISTA DE FOTOS**

Foto 1: Modelo de Rede de Arrasto (ARR).....	22
Foto 2: Modelo de Rede Afundada (REA).....	22
Foto 3: Estrutura Metálica do Covo (COV).....	23
Foto 4: Praça Oswaldo Pessoa.....	28
Foto 5: Imagem Panorâmica do Aglomerado à Beira-mar. ....	28
Foto 6: Vista Geral da Vila dos Pescadores.....	28
Foto 7: Ancião da comunidade.....	30

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivo Específico.....	14
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
3.1 Etnoictiologia.....	15
3.2 Panorama no Nordeste.....	18
3.3 Panorama na Paraíba.....	19
3.4 Pesca Artesanal ( Métodos de Captura).....	21
3.5 A Pesca como Fonte de Alimento .....	23
3.6 Breves Considerações sobre a Zooterapia.....	25
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
4.1 Caracterização do Estudo.....	27
4.2 Campo Empírico.....	27
4.3 Universo e Amostra.....	29
4.4 Instrumento de Coleta de Dados.....	30
4.5 Tratamento dos Dados.....	31
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>33</b>
5.1 Perfil Socioeconômico.....	33
5.2 Aspectos Socioculturais.....	36
5.3 Enumeração das Espécies Conhecidas e Pescadas.....	39
5.4 O Uso Alimentar e Zoterápico.....	47
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

<b>ANEXOS.....</b>	<b>59</b>
--------------------	-----------

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da costa litorânea brasileira, a pesca artesanal é uma das mais importantes atividades econômicas, a qual se relaciona diretamente com o ambiente para a extração dos recursos naturais, sendo que no Brasil, é fonte de emprego e alimento para muitas comunidades locais. Aliás, o seu exercício contribui entre 40% e 60% na produção de pesca marinha (SILVANO & BEGOSSI, 2004). Evidentemente tais comunidades pesqueiras utilizam uma parcela do recurso extraído para consumo próprio. Neste contexto, a carne de peixes representa entre 50% a 68% da proteína consumida pelas populações residentes ao longo da costa (BEGOSSI *et al*, 2000).

No Brasil, a pesca comercial, a pesca esportiva, o ecoturismo e os empreendimentos imobiliários vêm crescendo fortemente nas áreas costeiras. Esta expansão, diminui a territorialidade marinha, gerando malefícios aos pescadores artesanais pela disputa acirrada por espaço num território que decresce gradativamente com a apropriação tradicional do meio e dos recursos marinhos. De acordo com Diegues (2007), a apropriação social do mar ocorre dentro dos limites da territorialidade, através da qual os pescadores “marcam” áreas que usam na pesca, algumas das quais são apropriadas de forma comunitária. Segundo Godelier (1984), mediante a noção do território, um grupo social garante aos seus membros o controle ou acesso aos recursos naturais, à reprodução do homem enquanto espécie, seus meios de subsistência, das relações sociais e simbólicas.

Em várias pesquisas elaboradas nos últimos anos, verifica-se que comunidades humanas que dependem diretamente de recursos naturais, ao mesmo tempo em que manifestam detalhado conhecimento sobre o ambiente que ocupam, incluindo a biologia e a ecologia de plantas e animais (GADGIL *et al.*, 1993; BERKES, 1999; DIAMOND, 2005). Berkes (2000) afirma que esse conhecimento, no geral, é passado de geração a geração, da mesma maneira em que pode ser adaptativo, uma vez que constitui o antecedente intelectual das estratégias e técnicas de sobrevivência empregadas pela comunidade ao longo do tempo, na finalidade de garantir a permanência e o ajuste ao ambiente. Dito de outro modo: uma cultura incorpora todas as classificações populares e as características de uma

sociedade, isto é, toda a etnociência daquela sociedade, seus modos particulares de classificar tanto o seu universo material como o social (ALVES, 2005).

Considerando esta abordagem, observa-se a necessidade de novas pesquisas voltadas aos aspectos cognitivos dos pescadores, já que os mesmos são detentores de um vasto conhecimento do universo da pesca em uma determinada região. Assim, a comunidade pesqueira da Praia da Penha, localizada na cidade de João Pessoa, por exemplo, enquadra-se nestes termos, uma vez que, no seio desta comunidade há muitos pescadores detentores de características cognitivas, acerca da ecologia e usos dos pescados capturados indispensáveis ao fomento do conhecimento acadêmico.

Os estudos científicos em comunidades de pescadores artesanais também podem contribuir para a melhoria da atividade de pesca, por meio da investigação do conhecimento local, inclusive com o surgimento de novas informações da biologia das espécies, além de identificar aspectos da organização das populações locais na exploração dos recursos naturais, que possam ser abrangidos em planos eficazes de manejo dos recursos pesqueiros, garantindo de fato a sobrevivência das populações de pescadores artesanais.

Portanto, é preciso compreender as populações humanas como parte do ecossistema, associando-as aos usos nativos de recursos naturais e com a conservação da biodiversidade, uma vez que o contato direto, a observação diária e a dependência econômica dos recursos naturais são relações ecológicas (BEGOSI *et al.*, 1999, 2004) que envolvem aspectos culturais.

Face ao exposto, destaca-se como finalidade primeira desta pesquisa a análise do conhecimento tradicional dos pescadores artesanais da comunidade da Praia da Penha com relação a ictiologia local, ou seja, busca-se construir uma visão detalhada do universo ictiológico da comunidade que possa subsidiar futuras investigações da temática trabalhada.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar o conhecimento tradicional dos pescadores artesanais da comunidade da Praia da Penha acerca da ictiologia local, construindo uma visão detalhada do seu universo ictiológico.

### **2.2 Objetivo Específico**

Apontar o perfil socioeconômico dos pescadores artesanais da comunidade da Praia da Penha;

Determinar os aspectos socioculturais básicos;

Esboçar o uso alimentar e a aplicação zoterápica que a comunidade investigada faz de algumas espécies capturadas na região

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Etnoictiologia

Nas últimas décadas, os estudos etnológicos experimentaram uma expressiva evolução no contexto das ciências naturais. Constituindo um campo relativamente novo do saber acadêmico, a etnociência abrange tanto os estudos naturais como as pesquisas de âmbito social. Ao estudar os saberes das populações humanas sobre os processos naturais, ela parte da visão antropológica, tentando descobrir a conexão subjacente ao conhecimento humano do mundo natural, das taxonomias e das classificações totalizadoras (DIEGUES & ARRUDA, 2001).

É a partir da etnociência que surge a etnobiologia, a qual se caracteriza como uma ramificação etnocientífica que recebe várias contribuições da sociolinguística, da antropologia estrutural e da antropologia cognitiva ao mesmo tempo. De maneira didática, é possível definir a etnobiologia como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia e do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes (POSEY, 1987). Dito de outro modo: é simplesmente um saber alicerçado na visão popular que as comunidades humanas manifestam em relação a temas que são estudados pelos métodos covalidados pela ciência oficial.

Ao demonstrar os diferentes modos pelos quais o conhecimento sobre o mundo natural organiza-se de maneira espontânea nos agrupamentos humanos, a etnobiologia oferece um tipo de relativismo cultural que reconhece outros modelos de apropriação da natureza não necessariamente baseados no racionalismo e pragmatismo da ciência vigente (BANDEIRA, 2001). Além disso, a etnobiologia também serve de mediadora entre as diferentes culturas, ao assumir seu papel de disciplina dedicada à compreensão e ao respeito mútuo entre os povos (POSEY, 1987). Como se nota, a etnobiologia é uma disciplina originada a partir de diferentes linhas de pesquisa, entre as quais se destacam a Ecologia Cultural, a Antropologia Cognitiva e, em particular, a Etnociência. Aliás, neste íterim, constata-se que a etnociência dedica-se à investigação dos processos de interação das populações humanas com os recursos naturais, com especial atenção à percepção, ao conhecimento e aos diversos usos (BEGOSSI *et al.*, 2002).

No Brasil, um dos primeiros trabalhos etnobiológicos desenvolvidos de maneira sistemática foi elaborado pelo naturalista Karl Friedrich Phillip Von Martius, em sua viagem pelo Brasil, de 1817 a 1820. Nesta viagem, Von Martius recolheu inúmeros dados e informações de natureza etnobiológica em grupos indígenas, sobretudo os relatos pertinentes às doenças locais, aos hábitos de alimentação, aos sistemas de cura usados pelos nativos e sobre as características das plantas medicinais usadas com maior frequência pela população brasileira nos primeiros anos do século XIX, (DIEGUES e ARRUDA, 2001).

Ainda segundo Diegues e Arruda (2001) outro pesquisador que também se destacou em terras tupiniquins pelos seus trabalhos de cunho etnobotânico é Barbosa Rodrigues, o qual visitou inúmeras aldeias do grupo indígena Tupi-Guarani nos vales do Rio Amazonas, Paraguai e Mato Grosso. Darret A. Posey foi reconhecido como um dos mais importantes etnobiólogos da geração que surgiu a partir dos anos oitenta. Ao estudar os índios Kayapós, ele demonstra a sofisticação com que eles interagem com o ambiente, refletindo tanto no modo como classificam os seres do mundo natural e as diferentes zonas ecológicas quanto nas suas complexas técnicas agrosilviculturais.

Segundo Souza e Barrella (2001), dentro da etnobiologia vários campos podem ser definidos. Partindo da visão compartimentada da ciência sobre o mundo natural, verifica-se que as suas principais ramificações são a etnozootologia, a etnoecologia e a etnofarmacologia. Na etnozootologia, a maioria dos estudos é voltada à etno-ornitologia e a etnoictiologia (POSEY, 1987; ADAMS, 2000). A etnoictiologia consiste no ramo da etnobiologia que trata das interações e inter-relações que os grupos humanos estabelecem e mantêm com os peixes (MORRIL, 1967; MARQUES, 1991).

Estudos sobre etnozootologia no Brasil incluem Costa-Neto (1998) e Costa-Neto e Marques (2000a). Em particular, estudos de etnoictiologia com forte enfoque em etnotaxonomia incluem: Begossi e Garavello (1990), com pescadores do Rio Tocantins; Marques (1991, 1995), com pescadores da costa do Nordeste; Begossi e Figueiredo (1995), com pescadores da Ilha dos Búzios (SP) e da Baía de Sepetiba (RJ); Paz e Begossi (1996), na Ilha de Itacuruçá (Baía de Sepetiba); Mourão e Nordi (2003) com o levantamento etnoictiológico no Estuário do Rio Mamanguape (PB) e Seixas e Begossi (2001), entre pescadores da Ilha Grande (Rio de Janeiro). Além destes, também se destaca Souza e Barrella (2001) que também desenvolveram



estudos sobre a pesca artesanal dos peixes da Estação Ecológica de Jureia-Itatins. Didaticamente, a etnozoologia faz parte de um campo de estudo mais amplo: a etnobiologia. Quando se debate os fundamentos teórico-metodológicos da etnobiologia, por extensão também são analisados aqueles relacionados com a etnozoologia.

Os pescadores necessitam de um conhecimento mínimo sobre a ecologia e o comportamento dos peixes para um desempenho satisfatório de suas estratégias de pesca artesanal (BEGOSSI *et. al.*, 2002). O termo etnoictiologia foi primeiramente empregado na literatura científica por Morrill (1967). Segundo Costa-Neto e Melo (2002), o estado da arte etnoictiológica, no país e no exterior, demonstra que os pescadores artesanais são capazes de acumular, ao longo de suas vidas, um vasto conhecimento referente à ecologia e à biologia dos peixes e, além disso, eles também são capazes de transmitir esse conhecimento às gerações seguintes com relativa facilidade, sobretudo no desempenho de suas atividades diárias na labuta da pesca artesanal. Assim, comunidades pesqueiras geralmente detêm um conhecimento apurado sobre o ambiente que se encontram: dele retiram os recursos necessários a sua sobrevivência e nele nasce o significado da sua cultura (CORNETA, 2008).

Considerando a etnoictiologia uma relação entre homem e peixe sob os mais diversos aspectos – incluindo forma de manejo, tática de pesca, dieta e, em particular, a nomenclatura dos peixes – verifica-se que há poucos estudos no Brasil em especial quando comparado a etnobotânica. Considera-se como o pescador artesanal o sujeito que exerce a pesca tanto comercialmente como para a própria sobrevivência.

Entende-se por pesca artesanal a pescaria normalmente feita por uma equipe pequena de profissionais do mesmo núcleo familiar ou comunitário. No geral, os pescadores artesanais atuam próximos à costa. Além disso, tanto as suas embarcações como os seus apetrechos de captura são bem simples, mas eficazes. Como já se deduz de tudo o que já foi dito até aqui, o aprendizado desta profissão no geral é feita no núcleo familiar ou comunitário do futuro pescador. Além aprender as técnicas de navegação e de captura, o seu aprendizado também envolve o reconhecimento empírico dos fenômenos naturais, incluindo-se sobre as fases da lua e das marés (CLAUZET, 2009).

Visando desvendar o conhecimento empírico das comunidades pesqueiras, o movimento etnoictiológico vem galgando andares em busca do saber sociocultural dos pescadores artesanais, sobretudo porque eles são detentores de um conhecimento ictiológico adquirido pela prática homem/natureza. Marques (2001) declara que alguns grupos de pescadores possuem um conhecimento acurado da fauna marinha local, o qual é até compatível ao conhecimento ictiológico acadêmico. Por esta razão, desvendar os meandros do universo dos pescadores artesanais é uma atividade acadêmica rica e repleta de novidades e descobertas.

### **3.2 Panorama no Nordeste**

O Nordeste é reconhecido nacionalmente por ser uma área de baixa pluviometria. Formado por 1.348 municípios que constituem o Semiárido (o qual se situa nos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Um dado interessante é que a baixa pluviometria dessa região não menospreza o poder econômico nordestino no exercício da pesca. Afinal, de acordo com IBAMA (2006) no boletim sobre a produção pesqueira nacional, verifica-se que o Nordeste é a segunda maior região produtora de pescado do Brasil. Após a mudança da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca (SEAP-PR) para o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA) no ano de 2009, o governo passa a desenvolver meios para estimular o incremento da produção aquícola, bem como a utilização sustentável dos recursos pesqueiros em todo o Brasil. Em 2010, a Região Nordeste foi responsável pela maior parcela da produção nacional, com 195.842 toneladas, as quais representam 36,5% do total capturado (BRASIL, 2012). Com a demonstração da sua potência extrativista marinha, surge o fascínio sobre esse tipo de pesca e sobre as espécies encontradas em tal bioma marinho, dando ênfase à pesca artesanal.

Em busca do entendimento das atividades vinculadas a pesca artesanal, projetou-se um grande crescimento no número de pesquisa etnobiológicas em todas as regiões do Brasil. Evidentemente, o número de publicações com tal temática é reflexo direto da importância do saber sociocultural, que acaba impulsionando novos projetos de pesquisa. Na região Nordeste, não tem sido diferente. Sendo assim,

visando à variedade de interações que as culturas humanas mantêm com os animais, Santos-Fita & Costa-Neto (2007), em Ilhéus descrevem as interações entre os seres humanos e os animais, principalmente registrando o conhecimento etnoictiológico dos pescadores sobre o comportamento dos peixes.

Outra pesquisa que merece destaque no Estado da Paraíba é Mariano (2007) que desenvolveu uma pesquisa tendo como campo empírico as comunidades de pescadores de todo o litoral paraibano. O trabalho escrito por Mariano (*op. cit*) é uma investigação panorâmica que apresenta aspectos socioculturais da prática da pesca artesanal em várias comunidades litorâneas. Além disso, a sua pesquisa destaca os tipos de embarcações, os métodos de captura e a etnoictiologia geral dos pescadores artesanais paraibanos. No geral, esta pesquisa é uma boa síntese de muitas considerações que já foram feitas no campo das etnociências em comunidades de pescadores na Paraíba.

### **3.3 Panorama na Paraíba**

A zona costeira paraibana possui aproximadamente 138 km de extensão. Com uma área de 56.584,6 Km<sup>2</sup>, a Paraíba notabiliza-se como um dos menores estados do país (CARVALHO,1982).

Apesar do seu reduzido tamanho territorial, a Paraíba também é reconhecida como uma forte exportadora pesqueira, principalmente devido ao Porto de Cabedelo e por sua dinâmica na pesca oceânica. No entanto, segundo pesquisa realizada por Silva (1986), eram evidentes as precárias condições econômico-sociais do pescador artesanal do litoral norte da Paraíba, bem como a conseqüente resistência às mudanças.

A pesca na Paraíba é secularmente praticada por seus habitantes. Aliás, os índios Potiguaras (pertencentes à grande família Tupi-Guarani) apresentavam no seu cardápio alimentar o pescado. Por ser uma prática comum, principalmente entre os moradores das aldeias que ficam próximas as praias, o exercício da pesca para a subsistência familiar é uma atividade que possui grande valor econômico até os dias de hoje. Com o intuito de documentar as práticas de uso dos recursos naturais, Mourão e Nordi (*op. cit*) concluíram que os pescadores do Estuário do Rio Mamanguape, Paraíba, reconhecem uma série de comportamentos dos peixes,

relacionados à reprodução, emissão de sons, liberação de odor, alimentação, migração e à defesa de predadores.

Estudos relativos à etnoictiologia marinha no Estado da Paraíba incluem: Silva e Andrade (2010), que desenvolveram uma pesquisa sobre a manutenção do equilíbrio ambiental ao longo das experiências de pescarias artesanais e Lima-Silva (2007), que desenvolveu uma pesquisa sobre uma espécie de peixe marinho, em condições de cativeiro e a prática da aquicultura para desenvolvimento socioeconômico, Rodrigues (2006), através de um estudo exploratório com os pescadores artesanais na cidade de Cabedelo, evidencia inúmeros aspectos que circundam uma prática econômica de cunho familiar e comunitário. Deste jeito, através das técnicas comuns aos estudos etnológicos, Rodrigues descreve nos resultados de sua investigação que há uma visível redução do interesse dos mais jovens pela prática da pesca artesanal na comunidade investigada. Esta redução é fruto do decaimento da captura de pescado, provocada pela degradação ambiental dos últimos anos. Ele também destaca que a expansão imobiliária e as mudanças socioculturais são fatores-chaves que reforçam a dinâmica deste processo em comunidade tradicional de pescadores, a qual possui um valioso conhecimento etnoictiológico local.

Outros estudos etnoictiológicos realizados na Paraíba incluem: Mariano (2007), em uma investigação panorâmica sobre as comunidades de pescadores de todo o litoral paraibano, apresenta vários aspectos socioculturais da prática da pesca artesanal em várias comunidades litorâneas. Além disso, a sua pesquisa destaca os tipos de embarcações, os métodos de captura e a etnoictiologia geral dos pescadores artesanais paraibanos. Souza (2010), descreve a vida e cotidiano dos pescadores artesanais de Nossa Senhora do Livramento, Santa Rita, Paraíba. Partindo de uma perspectiva etnocêntrica, a sua investigação descreve inúmeros elementos que permeiam a prática tradicional dessa atividade econômica com uma população que possui uma grande quantidade de informações de cunho popular. Aliás, o conhecimento que a população local possui sobre a natureza do rio Paraíba e dos Manguezais é uma vasta fonte de conhecimento para as pesquisas nas mais variadas áreas (SOUZA, 2010).

### 3.4 Pesca Artesanal (Métodos de Captura)

Uma das melhores maneiras de conhecer o universo da pesca artesanal é adentrar nas suas técnicas de captura do pescado. De modo geral, com apetrechos de manuseio simples (porém eficazes), esta atividade é realizada com muita desenvoltura por profissionais que aprenderam a arte de pescar na lida diária, sobretudo através da oralidade tradicional de comunidades no geral pequenas e autodidatas.

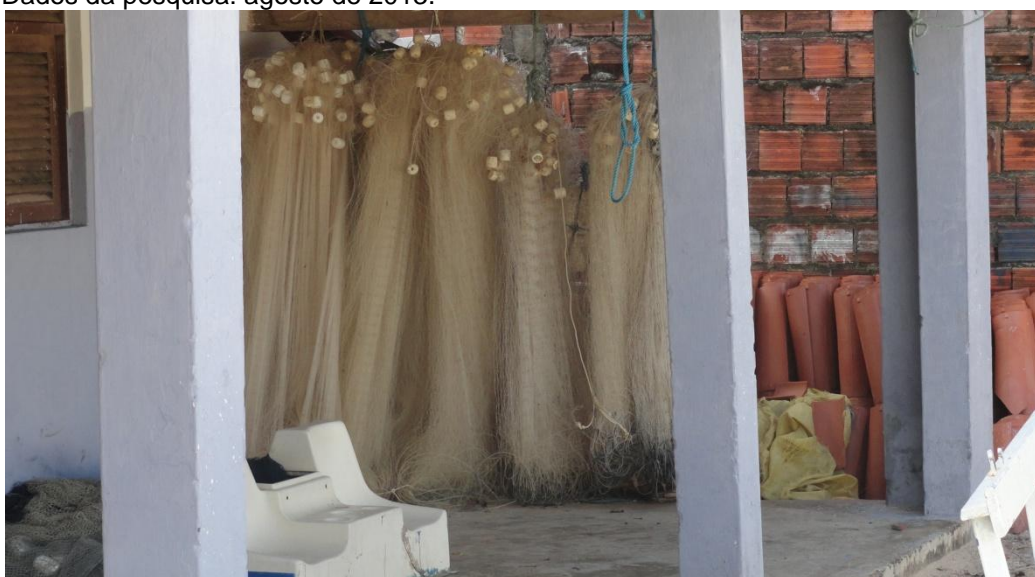
Entre os instrumentos mais comuns na hora da captura das mais variadas espécies de peixes na comunidade local destacam-se dois tipos distintos: a linha e a rede. Aliás, ao lado do barco de pequeno calado, estes dois apetrechos caracterizam iconicamente a atividade de pesca na mentalidade popular. Por sinal, o pescador artesanal tem plena consciência disso, não apenas na caracterização do seu visual típico de trabalho, contudo, no exercício diário de sua atividade no mar (IBAMA, 2012).

No entanto, a linha e a rede não são resumidas em apenas dois tipos brutos de instrumentos. Ou seja, a linha pode ter formatos e tamanhos diferentes, sobretudo, considerando-se o tipo de peixe que se destina. Inclusive para espécies como cação, a linha comum é a do tipo corso, ou seja, aquela que possui uma maior resistência e que é presa na estrutura da embarcação. Por conveniência, a linha (LIN) é generalizada num só tipo bruto. Em relação à rede, também há vários modelos distintos, os quais levam em conta tanto o tipo de peixe que se destina quanto à capacidade de navegação e calado das embarcações utilizadas. As redes mais comuns em comunidades de pescadores artesanais do Brasil são: a rede de espera boiada (REB), a rede de sardinha (RSA), a rede de agulha (RAG), a tainheira, rede de arrasto (ARR, identificada na foto 1) e a rede de espera afundada (REA, identificada na foto 2) (IBAMA, 2012).

Foto 1 - Modelo de Rede de Arrasto Utilizada por Pescadores na Praia da Penha. Dados da pesquisa: agosto de 2013.



Foto 2 - Modelo de Rede Afundada Utilizada por Pescadores na Praia da Penha. Dados da pesquisa: agosto de 2013.



Além da linha e das redes, também se incluem como apetrechos de captura comuns ao universo da pesca artesanal o covo (COV, foto 3), o espinhel e o arpão. O covo é uma espécie de arapuca marinha muito utilizada na captura de espécies de maior valor de mercado. É um instrumento de fácil manuseio e que normalmente apresenta resultados satisfatórios. Tanto o espinhel quanto o arpão são apetrechos de captura similares às lanças. A diferença é que o espinhel é uma lança de mão típica, provavelmente com forte inspiração indígena enquanto o arpão é uma lança alçada de um arco fixo ou manual.

Foto 3 - Estrutura Metálica do Covo (COV). Dados da Pesquisa: agosto de 2013.



Na comunidade de pescadores artesanais da Praia da Penha foi mencionado um instrumento de captura parecido com uma peneira, denominado de pulsar. Além deste singular equipamento de captura, os pescadores da comunidade investigada também mencionaram que exercem a atividade de pesca através da técnica de mergulho (MER), o que não é nada anormal, principalmente considerando-se a natureza circundante da pesca no mar.

### **3.5 A Pesca Como Fonte de Alimento**

A pesca é reconhecidamente uma fonte de renda para comunidades de pescadores artesanais que a praticam, mas configura-se também como uma atividade vital a manutenção do cardápio alimentar da população local. Diante disso, em uma pesquisa de cunho etnoictiológico torna-se relevante o levantamento detalhado das espécies mais comuns à dieta diária destas pessoas, sobretudo, para identificar boa parte dos elementos socioculturais do seu universo normalmente vislumbrados de maneira superficial em pesquisas preliminares.

Uma constatação verificada na prática em pesquisas com comunidades de pescadores artesanais é que o seu cardápio alimentar inclui várias espécies de peixes que são capturados na região. Aliás, também se constata que as espécies com melhor valor de mercado também se destaca como aquelas mais desejadas à mesa. Ou seja, se um peixe é muito procurado no mercado local, certamente ele é

bem apreciado na mesa dos próprios pescadores. Fato comum, uma vez que, o pescador artesanal possui um conhecimento preciso em relação às espécies que captura. Logo, ele (melhor do que qualquer outra pessoa) sabe bem quais os melhores peixes na hora de alimentar-se (CLAUZET, 2009).

No geral, a carne branca do peixe possui uma textura macia e suave, a qual proporciona uma degustação rápida e saborosa. Apesar da multiplicidade física das espécies, a carne de peixe manifesta uma variedade soberba na hora do preparo. Além disso, tanto assado, frito, grelhado como cozido o seu sabor único proporciona uma agradável sensação ao degustar. Evidentemente os benefícios do peixe à mesa não se restringem a sua multiplicidade nata na hora do preparo. Afinal é de conhecimento público as suas vantagens natas à saúde de qualquer pessoa, sobretudo, considerando-se o elevado teor nutricional que este alimento possui. Como uma fonte comprovada de elementos essenciais ao bem-estar da saúde humana, o uso alimentar do peixe no cardápio dos pescadores artesanais é uma soberba vantagem à qualidade de vida que estes sujeitos experimentam, apesar de suas dificuldades na labuta diária da pesca no mar (CLAUZET, *op cit*).

Numerosas pesquisas já comprovaram que a proteína da carne branca do peixe é absorvida com maior facilidade e menores riscos à saúde humana do que outros tipos de carnes, sobretudo a vermelha. Ao lado disto, também já foi comprovado que ela auxilia na manutenção do ciclo digestivo, na produção de anticorpos, na coagulação do sangue e no controle da taxa do colesterol. Entre os nutrientes mais comuns à carne de peixe destacam-se a vitamina “A”, as vitaminas do complexo “B”, além das vitaminas “D”, “E” e do ácido fólico. Como a gordura do peixe é insaturada, ela não proporciona tantos riscos à saúde humana. Ao lado disso, o complexo ômega-3 e o ácido graxo são apontados como substâncias comuns a este tipo de alimento com elevada eficácia antioxidante (CLAUZET, *op cit*).

Enfim, entre os benefícios mais comuns ao consumo da carne branca do peixe notabiliza-se, ainda, a diminuição da taxa dos triglicerídeos e do colesterol. Por esta razão, o seu consumo normalmente é associado à redução das doenças cardiovasculares e de alguns tipos de câncer, além de doenças inflamatórias crônicas (CLAUZET, *op cit*).



### 3.6 Breves Considerações Sobre a Zooterapia

A biodiversidade é uma fonte praticamente inesgotável para a produção de medicamentos para uma grande variedade de males. Ou seja, mesmo diante da imensa quantidade de estudos que tentam desvendar os mistérios da natureza, ainda é pouco conhecido o potencial terapêutico de muitas plantas e animais. Neste imenso universo de potenciais incluem-se inúmeras espécies de peixes. O uso de animais para fins terapêuticos chama-se zooterapia.

Segundo Marques (1994), a zooterapia é o tratamento de doenças através de produtos derivados diretamente da fauna. Tanto as enfermidades humanas como as de animais podem ser tratadas por meio desta técnica. Diante da ampla diversidade da fauna brasileira, a popularização da zooterapia nas mais variadas regiões é apenas o reflexo direto de um método de cura normalmente mais acessível às populações de muitas localidades, sobretudo as de baixa renda. Diante desse cenário, verifica-se que, no momento, há várias pesquisas acadêmicas que procuram conhecer as deficiências e vantagens desta interessantíssima ferramenta terapêutica (MARQUES, 1997).

O uso de animais para fins farmacêuticos é corriqueiro em comunidades tradicionais como, por exemplo, as vilas de pescadores artesanais, incluindo-se a comunidade de pescadores da Praia da Penha, evidentemente.

O uso de animais medicinais, apesar de ser uma prática antiga, ainda é uma terapia pouco conhecida, isto é, explorada de maneira superficial e até com algumas ressalvas pela ciência oficial. No entanto, a sua eficácia na cura de inúmeros males é uma constatação referendada em diversas ocasiões, o que valoriza ainda mais o seu potencial terapêutico nos dias de hoje (ALVES & ROSA, 2013). Mesmo assim, o uso da zooterapia ainda enfrenta inúmeros preconceitos da medicina oficial. De qualquer maneira, é impossível descartar a sua contribuição terapêutica na cura de uma grande quantidade de males. Por isto, estudá-la e reconhecer melhor as fraquezas e potencialidades é uma atividade de suma importância no momento. Afinal não é correto descartar o seu potencial medicamentoso, sem que se perfilhem as principais características e usos (ALVES, 2009).

Entre as atividades de investigação mais avançadas no campo da zooterapia destacam-se as pesquisas feitas em comunidades de pescadores artesanais, como já foi dito anteriormente. Por sinal, as potencialidades de cura da zooterapia tornam-

se mais evidentes em estudos etnoictiológicos que se consagram na descoberta dos valores culturais e da ciência popular de comunidades que avaliam pela tradição secular o potencial de cura de alguns tipos de peixes comuns em sua própria região.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Caracterização do Estudo**

Este trabalho de pesquisa relata um estudo de caso exploratório fundamentado no horizonte conceitual quantitativo de qualidade. Ou seja, a observação, a coleta, a leitura, a análise e a compreensão do material coletado são essenciais na desenvoltura de uma pesquisa etnoictológica. O trabalho de campo realizou-se em um ambiente em que o investigador desconhece boa parte de suas características mais importantes, ao mesmo tempo em que métodos de âmbito quantitativo de qualidade são aplicados no conhecimento preciso do objeto investigado (BARBOSA, 2010).

### **4.2 Campo Empírico**

O campo empírico deste estudo de caso exploratório é a comunidade de pescadores da Praia da Penha na cidade de João Pessoa. No momento, esta comunidade conta com 60 famílias que desempenham a atividade de pesca com regularidade, sobretudo no litoral da cidade João Pessoa. Como é de conhecimento geral, esta atividade é antiga na região.

A Praia da Penha foi ocupada no início do século XVIII por pescadores artesanais, cujas suas gerações ali residem até os dias de hoje. No momento, a população local é constituída por pescadores artesanais, comerciantes formais e informais. Segundo IBGE 2000 (*apud* Silva e Andrade,2010), a Praia da Penha conta com aproximadamente 775 habitantes. Este número alterna-se no verão devido a grande procura por casas de veraneio no local. De acordo com a Lei municipal nº 1.574, a Praia da Penha passou a ser chamada de Bairro da Penha em 4 de setembro de 1998 Apesar da mudança grande parte da população pessoense ainda considera como sendo apenas Praia da Penha. Assim, observa-se o bairro nas fotos 4,5 e 6.

Foto 4 – Vista Geral da Praça Oswaldo Pessoa. Dados da Pesquisa: agosto de 2013.



Foto 5 – Imagem Panorâmica do Aglomerado à Beira-mar. Dados da Pesquisa: agosto de 2013.



Foto 6 – Vista Geral da Vila dos Pescadores. Dados da Pesquisa: Agosto de 2013.



O núcleo de pescadores da Praia da Penha é constituído por 60 famílias, as quais se encontram distribuídas em três conjuntos no bairro: A vila dos pescadores, a Praça Oswaldo Pessoa e o aglomerado à beira-mar (SILVA; ANDRADE, 2010). Nessa praia, observam-se lindas paisagens, além de um núcleo arquitetônico religioso. O santuário da Penha é palco de um dos maiores eventos profano-religiosos do litoral paraibano, o qual é reconhecido por seus devotos subirem às escadas, ajoelhados ao comprimento ou realizações de pedidos.

### 4.3 Universo e Amostra

O universo de investigação que circunscreve o tema e a problemática proposta é descrito em âmbito estatístico como finito. Ou seja, a sua amplitude não ultrapassa o patamar de 50.000 elementos (BARBOSA, 2010).

Dito de outro modo, como a comunidade é formada por 60 famílias que desempenham a atividade de pesca artesanal na região, logo o universo de investigação é formado por apenas 60 elementos. Como um universo não possui uma amplitude grande, isto é, um tamanho vasto, a abordagem de definição do modelo amostral só pode ser de âmbito não probabilístico. Logo, não será necessário o uso do cálculo para a determinação de um tamanho ideal para que a pesquisa cumpra os seus objetivos ao finalizar a investigação proposta. O melhor modelo amostral, levando-se em conta as limitações temporais e financeiras para uma atividade de tamanha envergadura, é adoção de uma amostragem por conveniência (BARBOSA, *op cit*).

Portanto, a amostra adotada é simultaneamente adequada às necessidades e aos recursos disponíveis no momento. Por sinal, como a pesquisa também assumiu uma posição de atividade piloto, ou seja, uma investigação preliminar a qual pode ou não ter continuidade no futuro, o modelo de amostragem adotado permite a plena realização de todos os objetivos previamente determinados. Nesse ínterim, a amostragem foi composta por um terço das famílias da região, ou seja, por 20 elementos (doravante denominados de atores sociais), os quais foram selecionados pela indicação sucessiva dos entrevistados ( um dos entrevistados foto 7).

Foto 7 – Ancião da Comunidade Preparando Apetrechos para a Pesca. Dados da Pesquisa: agosto de 2013.



Os 20 atores sociais selecionados para a amostra de pesquisa foram acompanhados no preenchimento do questionário durante seis meses. Ou seja, de janeiro a junho de 2013 foi feito um acompanhamento minucioso no local, com o intuito de reduzir as possíveis falhas na coleta das informações necessárias ao sucesso almejado num trabalho de tamanha envergadura.

#### 4.4 Instrumento de Coleta de Dados

Para a coleta das informações, foi utilizado um questionário elaborado mediante os objetivos propostos na pesquisa. Uma grande vantagem na adoção deste tipo de instrumento é que ele proporciona um melhor direcionamento da atividade de coleta, ao mesmo tempo em que “adéqua” uma melhor visualização de todos os resultados alcançados no decorrer da pesquisa.

Apesar da natureza essencialmente escrita do questionário, adotou-se uma proposta de preenchimento oral assistido, que de acordo com Barbosa (2010), esta metodologia possibilita ao pesquisador realizar o acompanhamento direto em todas as etapas de preenchimento do instrumento adotado, com o intuito de eliminar lacunas e falhas que inviabilizem o sucesso almejado ao término do processo de investigação. Evidentemente, esta atitude demandou uma maior quantidade de

tempo. No entanto, a sua adoção foi uma estratégia eficaz para que muitas questões recebessem uma resposta adequada ao finalizar o processo de coleta.

As entrevistas foram realizadas nos pontos de desembarques pesqueiros ou em situações nas quais os pescadores encontravam-se desenvolvendo atividades relacionadas à pesca como, por exemplo, a limpeza e o conserto de redes ou em suas próprias residências, quando permitido e agendado previamente.

Foram entrevistados atores sociais do sexo masculino, com idade acima de 18 anos, utilizando-se como critérios para a escolha o fato do entrevistado residir na comunidade, ser praticante ou já haver praticado a pesca artesanal e não pertencer a grupo vulnerável. Cabe aqui uma observação adicional: além destes critérios, buscou-se selecionar o indivíduo realmente competente na arte da pesca artesanal. Ou seja, o sujeito entrevistado também precisava ser um informante-chave, isto é, deveria ser um especialista nato reconhecido localmente pelo sua habilidade na prática da pesca artesanal (ALVES *et al.*,2012).

A coleta de dados obedeceu as seguintes etapas, logo após a identificação do perfil socioeconômico:

Etapa 1: Questionamentos de caráter objetivo e subjetivo simultaneamente, com o intuito de identificar a percepção dos pescadores em relação à prática sociocultural da pesca artesanal na Praia da Penha. Aqui, portanto, buscou-se conhecer as motivações e os entraves na prática da pesca artesanal na comunidade investigada.

Etapa 2: Levantamento de espécies conhecidas e pescadas na região, além de sua respectiva arte de pesca. Esta etapa ocorreu por meio de entrevistas informais com os pescadores. Aqui foram catalogadas as espécies que formam o conjunto ictiológico da comunidade no momento.

Etapa 3: Conhecimento dos diferentes tipos de uso do pescado na cozinha e na medicina popular. Este procedimento, mais uma vez, ocorreu por meio de entrevistas informais.

#### **4.5 Tratamento dos Dados**

Diante das necessidades impostas pela natureza empírica do objeto investigado, tornou-se imprescindível o uso de um modelo de identificação, leitura,

análise e compreensão do material coletado na atividade de campo capaz de conciliar métodos indutivos e dedutivos simultaneamente (BARBOSA, 2010).

A indução dos fatos observados é uma ferramenta de construção do saber que normalmente parte de uma observação particular em direção às generalizações de uma teoria ou tese. Por sua vez, a dedução normalmente segue um caminho distinto, ao tomar como ponto de partida as generalizações dos conceitos abstratos em direção dos fatos que são vislumbrados de maneira isolada. No entanto, a natureza de um estudo de caso não permite o uso isolado de uma ou outra perspectiva teórica.

O caso é estudado de maneira empírica, isto é, ele é observado num contexto próprio, o qual normalmente permite, num primeiro momento, considerações de âmbito indutivo. Contudo, a validade de suas argumentações também necessita de um posicionamento teórico dedutivo para que as prováveis lacunas interpretativas sejam superadas (BARBOSA, *op cit*).

Enfim, observando-se os resultados em seu próprio contexto, toma-se como premissa a covalidade dos resultados alcançados as teorias e trabalhos anteriores que investigam temas similares à atividade sintetizada nesta monografia. Além disso, por questões didáticas, usam-se quadros, gráficos e tabelas editados no Excel para que tanto informações qualitativas como as quantitativas sejam vislumbradas de maneira dinâmica e elucidativa (BARBOSA, *op cit*).



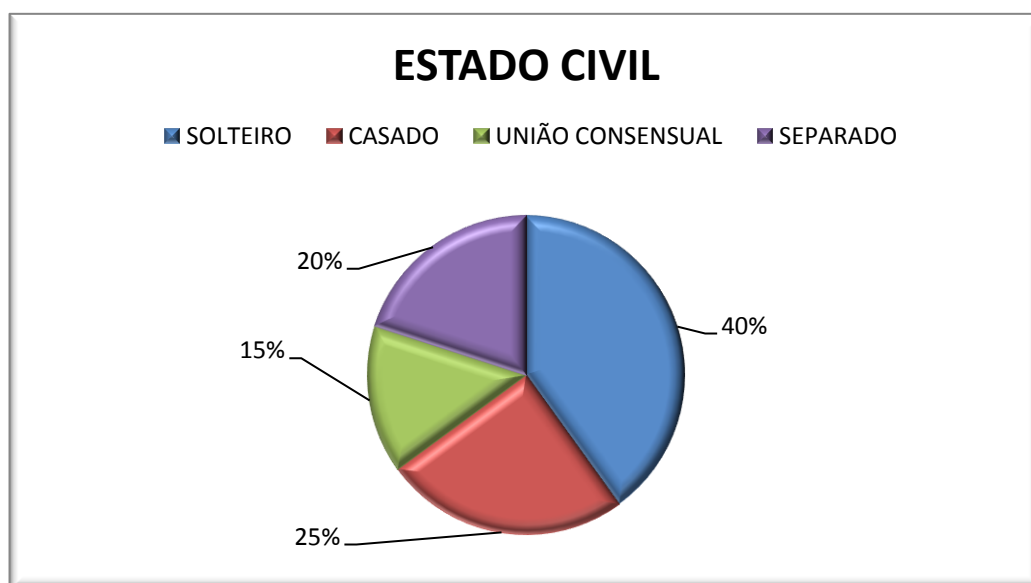
## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 Perfil Socioeconômico

Mais adiante, encontra-se expresso o perfil socioeconômico dos atores entrevistados, os dados apresentados identificam o estado civil ( gráfico 1), o grau de instrução, principal atividade econômica, o tamanho do núcleo familiar e o tempo de moradia na comunidade. A média de idade entre os atores sociais é de 48,2 anos, e estes representam o esteio econômico do seu núcleo familiar, seja dedicando-se à atividade de maneira integral ou parcialmente.

No Gráfico 1, descreve os resultados relacionados ao Estado Civil dos entrevistados.

Gráfico 1 – Estado Civil dos Entrevistados. Dados da pesquisa: agosto-2013.



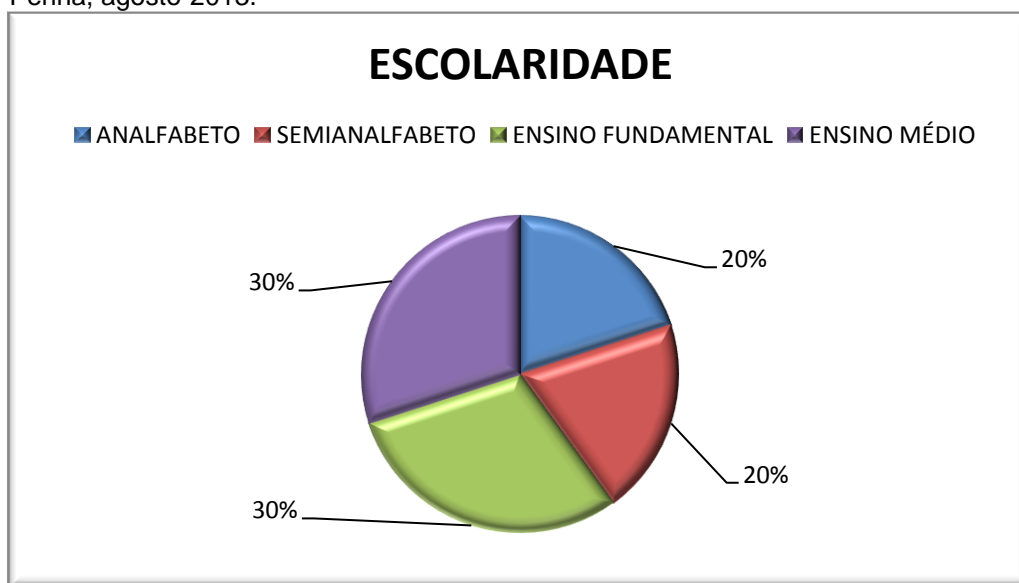
Os dados do gráfico 1 reforçam o perfil comunitário da atividade pesqueira na região investigada, constituindo típicos núcleos familiares.

Uma observação interessante que pode ser feita em relação ao estado civil dos entrevistados é que o elevado índice de solteiros é o reflexo direto de sua labuta diária no mar. Normalmente, o pescador artesanal passa vários dias no mar em busca de peixes para a sua sobrevivência, ou seja, embarcado. Logo, os seus vínculos familiares são de certo modo menos tradicionais. Por sinal, o fato destes sujeitos se encontrarem normalmente no mar foi um dos maiores desafios para o sucesso desta pesquisa. Afinal foram necessárias no decorrer de 6 meses uma grande quantidade de visitas, inclusive foi comum repetir a passagem na

comunidade para o preenchimento de um só questionário por conta desta vida tão dedicada à pesca artesanal dos sujeitos pesquisados.

No Gráfico 2, sobre a escolaridade, encontram-se os resultados relacionados ao grau de instrução dos atores sociais entrevistados, aqui se observa um percentual alto de indivíduos sem escolaridade. O restante do grupo encontra-se com grau de escolaridade básico.

Gráfico 2 – Grau de Escolaridade dos Entrevistados da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



Como se observa, o perfil de instrução dos entrevistados delineia um quadro bem característico de comunidades de baixa renda. Aliás, também se reflete até na percepção que eles manifestam quanto à pesca e as atividades comuns do dia a dia.

De modo geral, há semelhanças entre os resultados desta pesquisa com o trabalho desenvolvido por Oliveira *et al.*, (2010) com a mesma comunidade de pescadores artesanais, que obteve como resultados para os ensinos fundamental (43%) e médio (22%) são próximos aos percentuais registrados aqui. O aumento constatado para o percentual de entrevistados com o ensino médio completo associado a uma queda no percentual de entrevistados com ensino fundamental completo pode revelar um indicativo de que no intervalo entre as duas pesquisas a comunidade de pescadores melhorou os seus índices educacionais. Este fenômeno em parte é explicado pela redução do atrativo econômico da pesca artesanal da região, o que força a busca de qualificação da população local na perspectiva de facilitar o ingresso no mercado de trabalho para a cidade de João Pessoa.

Assim, o Gráfico 3 tem o intuito de demonstrar o percentual da principal atividade econômica dos pescadores artesanais da Praia da Penha.

Gráfico 3 – Perfil da Atividade Econômica dos Entrevistados da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



Como já se desenhava nas sondagens iniciais em fase de projeto, a esmagadora maioria dos entrevistados exerce a atividade pesqueira na comunidade, enquanto a minoria exercem outras atividades. Prevaecem aquelas relacionadas à construção civil e aos serviços gerais.

O tamanho médio das famílias por unidades amostradas é padrão para comunidades semelhantes a estudada. O tempo de moradia no local é de 41,9, o que reforça as raízes familiares da atividade pesqueira no núcleo investigado. Interessantemente, se correlacionarmos o tempo médio de vida dos entrevistados com o tempo que moram na região é possível afirmar (de maneira preliminar) que todos eles começaram a atividade da pesca ainda na juventude.

O Quadro 1 traz dois aspectos levantados neste estudo relativos ao tamanho do núcleo familiar e tempo de moradia na região.

Quadro 1 – Tamanho do Núcleo Familiar e Tempo de Moradia por Atores Sociais da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.

<b>Tamanho da família</b>	Famílias com uma média de 3,75 pessoas por unidade entrevistada.
<b>Tempo de moradia</b>	Um tempo de moradia na região o qual gira em torno de 41,9 anos.

## 5.2 Aspectos Socioculturais

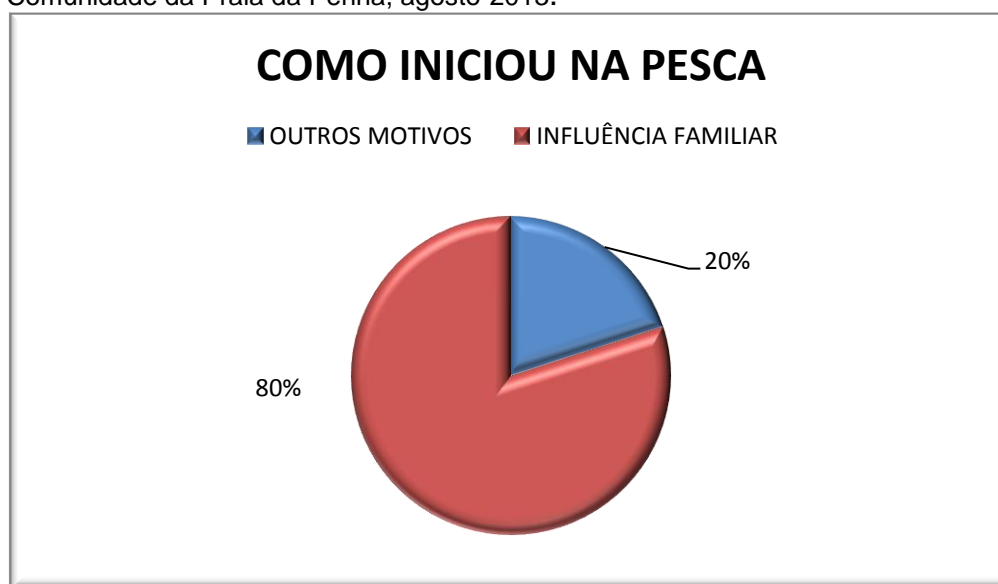
Ao serem questionados sobre o exercício da atividade de pesca, 95% dos atores sociais amostrados afirmaram praticá-la e apenas 5% deles não praticavam a pesca. Apenas um dos entrevistados não exercia a atividade pesqueira, entretanto, cabe uma breve explicação quanto à negativa deste entrevistado. Na verdade, ele não sai mais ao mar devido à idade e a debilidade de sua saúde. Mesmo assim, ele é um elemento importantíssimo na economia de pesca local visto que costura e conserta as redes danificadas.

Deste modo, é possível apontar que na verdade todos os entrevistados se dedicam à pesca seja de maneira direta ou indireta. Evidentemente os 95% que saem ao mar se dedicam em seu maior tempo a atividade pesqueira, mas os 5% que se dedica indiretamente também exerce um papel imprescindível ao contexto geral da pesca na região.

Em pesquisa desenvolvida por Oliveira *et. al.*, (2010), a autora encontrou 100% dos entrevistados praticando a atividade de pesca artesanal.

No que refere à origem da prática de pesca, a grande maioria dos atores sociais entrevistados revelaram que se iniciaram na atividade pesqueira por influencia familiar e demais deles revelaram outras origens (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Origem da Prática da Atividade Pesqueira por Atores Sociais da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.

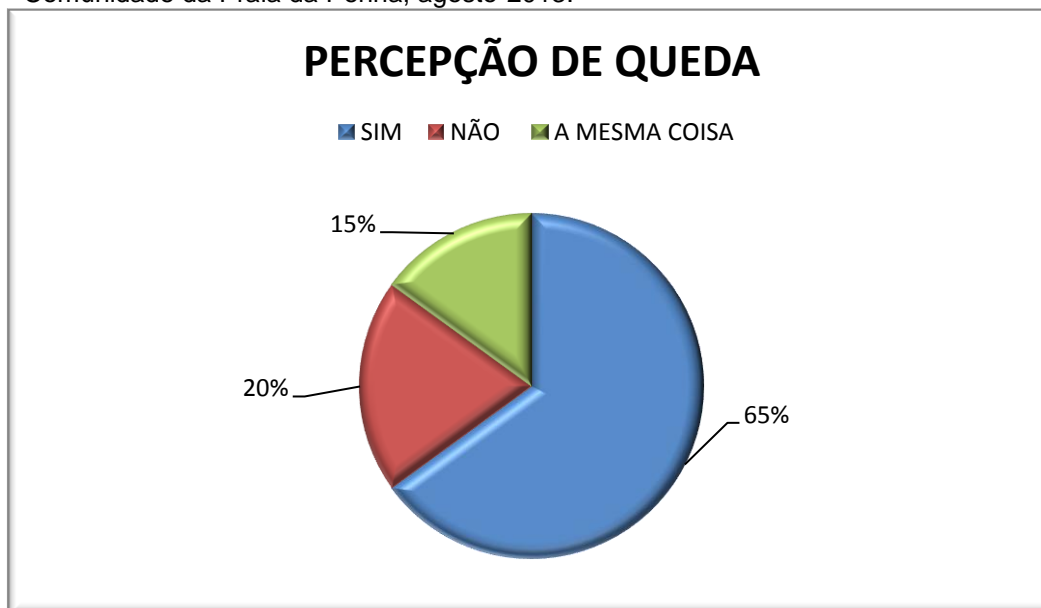


Estes resultados revelam que as raízes familiares desta atividade econômica é uma realidade para a comunidade estudada que cresceu e subsiste até os dias de hoje pelas tradições de pesca no local. Entre as demais origens da prática de pesca foram apontadas três razões: influência dos amigos, curiosidade e a necessidade de exercer uma atividade econômica para o custeio de suas despesas.

Observou-se nesta pesquisa que a prática da pesca artesanal é uma atividade com fortes vínculos familiares e comunitários. Ou seja, é uma prática econômica rudimentar que possui um forte apelo agregador em âmbito local, dados que corroboram pesquisas realizadas por Oliveira *et. al.*, (2010), que encontrou 76% dos entrevistados iniciando a atividade da pesca artesanal por conta da influência familiar enquanto que 24% falaram que passaram a praticar a pesca artesanal por influência de amigos que já exerciam esta atividade na região.

Dos atores entrevistados, 100% reconhecem que a atividade de pesca é bastante antiga na comunidade. Ao serem perguntados se percebiam uma queda no interesse pela atividade pesqueira, o maior percentual afirma que sim, e os demais acreditam que o interesse pela prática da pesca não sofreu queda. (Gráfico 5).

Gráfico 5 – Percepção de Queda pelo Interesse na Atividade Pesqueira da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



Os entrevistados apontam alguns fatores chaves para a diminuição do interesse pela atividade pesqueira, os quais são resumidos em fatores de ordem econômica, social e ecológica. No campo econômico, em razão da diminuição da quantidade de pescado que reduz, conseqüentemente, o lucro obtido com a pesca como um todo. No campo social, devido ao aumento populacional e as novas possibilidades econômicas oferecidas no entorno da comunidade no seio da cidade de João Pessoa e no campo ecológico, pela escassez de pescado ocasionada pela degradação ecológica.

Percebe-se que os entrevistados relatam uma queda provocada também pela degradação ambiental. Aliado a este fato, há uma percepção global de que os mais jovens não manifestam mais tanto interesse como antes pela pesca artesanal. Segundo os mais idosos na comunidade essa falta de interesse dá-se por vontade própria assim como pelo baixo retorno pecuniário desta atividade, considerado o fator determinante para a perda da cultura da pesca artesanal entre os mais jovens.

A exploração sustentável de uma atividade de pesca artesanal tem certos limites ecológicos que devem ser respeitados. Portanto, a redução do atrativo financeiro é inevitável, se os limites do ecossistema deixam de ser respeitados. Neste ínterim, a redução da vontade própria é apenas uma consequência direta do desequilíbrio ambiental amplificado nos últimos anos.

### 5.3 Enumeração das Espécies Conhecidas e Pescadas

O levantamento etnoictiológico realizado na comunidade de pescadores artesanais na Praia da Penha em João Pessoa é apresentado no Quadro 2, é apresentado ainda o método de manejo aplicado pelo entrevistado, com a finalidade de verificar se a espécie mencionada realmente é conhecida dele não apenas na região, mas no desempenho de sua atividade econômica.

Quadro 2 – Lista das Espécies Citadas e dos Métodos de Captura por Atores Sociais Entrevistados. Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013. REA = Rede de espera afundada, LIN (Linha), COV (Covo), REB (Rede de espera boiada), RSA (Rede de sardinha), ARR (Rede de arrasto), MER (Mergulho).

<b>QUADRO SINÓTICO DE ESPÉCIES CONHECIDAS</b>		
<b>ESPÉCIE</b>	<b>%</b>	<b>MÉTODO DE CAPTURA</b>
<b>Guarajuba *</b>	95%	<b>REA, LIN.</b>
<b>Mariquita *</b>	85%	<b>REA, LIN.</b>
<b>Cioba *</b>	90%	<b>REA, LIN, COV.</b>
<b>Cavala *</b>	80%	<b>REA, LIN.</b>
Ariacó	60%	<b>REA, LIN, COV.</b>
<b>Chicharro *</b>	80%	<b>REA, LIN, COV, PULSAR.</b>
Cambuba	40%	<b>REA, LIN, COV.</b>
Galo do alto	40%	<b>REA, LIN.</b>
Pescada	50%	<b>REA, LIN.</b>
<b>Peixe-rei *</b>	70%	<b>REA, LIN.</b>
Sardinha	50%	<b>REA, LIN, REB.</b>
<b>Dentão *</b>	80%	<b>REA, LIN, COV.</b>
Tainha	40%	REA, TAINHEIRA
Cabo-duro	25%	LIN.
<b>Atum/albacora *</b>	75%	LIN.
Bagre	60%	REA, REB.
<b>Saramunete *</b>	75%	COV.
Arabaiana	65%	<b>REA, LIN.</b>
Canguito	30%	LIN, COV.
<b>Cangulo *</b>	90%	LIN.
Sapuruna	55%	<b>REA, LIN, COV.</b>
Agulha-preta	15%	REB, LIN.
Robalo	25%	REB.

Xaréu	50%	<b>REA, LIN.</b>
Caçõo	60%	<b>REA, LIN,</b> REB.
<b>Dourado *</b>	85%	LIN.
<b>Serigado *</b>	95%	<b>REA, LIN,</b> REB.
Pargo	35%	LIN, COV.
Garoupa	55%	LIN.
Pampo	35%	LIN.
Pilombeta	30%	<b>REA, LIN.</b>
Bonito	65%	<b>REA, LIN.</b>
Agulha	35%	<b>REB, LIN.</b>
Guaiuba	65%	<b>REA, LIN.</b>
Agulhão Marley	10%	REB, LIN.
Piramutaba	10%	<b>REA, LIN.</b>
Voador	25%	REB, PULSAR.
<b>Serra *</b>	90%	<b>REA, LIN,</b> REB.
Moréia-parda	15%	LIN, COV.
Anchova/manjuba	35%	<b>REA, LIN.</b>
Meca	15%	LIN.
Corvina	15%	<b>REA, LIN.</b>
<b>Olho de vidro *</b>	75%	<b>REA, LIN.</b>
Salema	15%	<b>REA, LIN.</b>
Sabão	25%	<b>REA, LIN.</b>
Xaréu olhudo	5%	<b>REA, LIN.</b>
Agulhão de vela	50%	LIN.
Agulha-branca	10%	<b>REA, LIN.</b>
Traíra	15%	LIN.
Arraia-chita	10%	REA, REB.
Arraia-manteiga	5%	LIN, REB.
Arraia-jamanta	10%	REA, REB.
Tubarão-martelo	10%	<b>REA, LIN,</b> REB.
Tinturereira/cornuda	10%	<b>REA, LIN,</b> REB.
Caçõo-jaguara	10%	<b>REA, LIN.</b>
Sicuri/galha-preta	5%	<b>REA, LIN,</b> REB.
Caçõo-flamengo	15%	<b>REA, LIN.</b>
Beatriz	25%	REA.
Soia	20%	ARR.
Bagre-amarelo	20%	<b>REA, LIN.</b>
Mercador	35%	<b>REA, LIN.</b>
Zumbi	25%	<b>REA, LIN.</b>



Carapicú	10%	LIN.
Pacamón	30%	LIN.
Judeu	55%	<b>REA, LIN</b> , PULSAR.
Galo	20%	REA, REB.
<b>Xira *</b>	70%	REA, RSA.
<b>Abiquara *</b>	80%	<b>REA, LIN</b> , COV.
Galo da costa	10%	LIN.
Bicuda/baracuda	35%	LIN.
Baúna-de-fogo	10%	<b>REA, LIN</b> .
Garapau	5%	LIN.
<b>Espada *</b>	80%	<b>REA, LIN</b> .
<b>Barbudo *</b>	75%	<b>REA, LIN</b> , TAINHEIRA.
Cabeça-dura	5%	ARR.
<b>Boca-mole *</b>	80%	<b>REA, LIN</b> .
Coró-branco	15%	<b>REA, LIN</b> .
Pirambú	50%	<b>REA, LIN</b> .
Tibiro	15%	LIN, REB.
Salema branca	5%	REA.
Salema preta	5%	REA.
Pampo-cabeça-mole	5%	<b>REA, LIN</b> , REB.
Pampo-arabebeu	5%	<b>REA, LIN</b> , REB.
Sanhuá	15%	REA.
Coró-amarelo	10%	<b>REA, LIN</b> .
Garasapé	20%	LIN, COV.
Saberé	30%	LIN.
Caraúna	30%	REA.
Paru-branco	5%	<b>REA, LIN</b> .
Paru-amarelo	5%	COV.
Paru-preto	5%	MER.
Marley azul	5%	LIN, REB.
Agulhão-chato	10%	LIN, REB.
Agulhão-rolço	25%	LIN, REB.
Budião-batata	15%	<b>REA, LIN</b> , COV.
Budião-bindalo	10%	LIN.
Piraúna	65%	LIN, COV.
Sardinha-cascuda	35%	LIN.
Sardinha-manjubão (azul)	5%	<b>REA, LIN</b> , REB.
Sardinha-arenque	20%	LIN.
Budião-bico-verde	5%	LIN, COV.

Penaçu	5%	LIN, REB.
Salvo de pedra	5%	<b>REA, LIN.</b>
Ubarana	20%	<b>REA, LIN.</b>
Baiacú-caixão	35%	LIN.
Baiacú-espinho	5%	LIN.
Cangulo-fernando	5%	LIN, COV.
Ferreiro	5%	LIN, COV.
Cangulo-paricé	5%	LIN, COV.
Cangulo-azul	5%	LIN.
Cangulo-amarelo	5%	COV.
Cangulo-preto	5%	LIN.
Fralda-rota	10%	<b>REA, LIN, REB.</b>
Guaiubatã	10%	LIN.
Ticopá	5%	LIN.
Mero	35%	LIN.
Cavalinha	5%	LIN.
Atum barbatana de ouro	5%	LIN.
Atum-manguru	5%	LIN, REB.
Serra-sororó	5%	LIN.
Camurim	45%	<b>REA, LIN.</b>
Bagre-ariacú	25%	<b>REA, LIN.</b>
Bagre-bombo	15%	<b>REA, LIN.</b>
Bagre de fita	15%	<b>REA, LIN, REB.</b>
Camurupim	40%	LIN, ARR.
Guaropa-boca-vermelha	5%	LIN.
Pargo-pirapiranga	5%	LIN.
Pargo-vidrado	5%	LIN.
Pargo-boca-negra	10%	LIN.
Pargo-caxuxo	10%	LIN.
Pargo-ferreiro	5%	LIN.
Pirá	55%	LIN.
Moreia-verde	5%	LIN, COV.
Agulhão-trombeta	5%	LIN.
Bicuda-corona	10%	LIN, ARR.
Bicuda	5%	MER.
Mariquita-cajú	5%	LIN, COV.
Maracá	5%	LIN, COV.
Cavala-branca	15%	LIN.
Pescada-branca	25%	<b>REA, LIN.</b>

Caranha	15%	LIN.
Carapeba	55%	REA.
Arraia	50%	LIN.
Moreia	40%	LIN.
Pescada-amarela (loira)	25%	LIN.
Cavala-preta	15%	LIN.
Cavala perna de mosca	5%	LIN.
Bejupirá	15%	LIN.
Piranema	10%	<b>REA, LIN.</b>
Baiacu	30%	<b>REA, LIN.</b>
Budião	15%	<b>REA, LIN.</b>
Parú	15%	<b>REA, LIN.</b>
Sardinha-manteiga	5%	REA.
Jacundá	10%	<b>REA, LIN.</b>
Piolho	20%	<b>REA, LIN.</b>
Cação lixa	30%	LIN.
Macaça	30%	<b>REA, LIN.</b>
Coró	30%	<b>REA, LIN.</b>
Mariquitão	15%	<b>REA, LIN.</b>
Agulhão	15%	LIN.
Viola	10%	LIN.
Peixe-gato	35%	LIN.
Baúna	10%	REA.
Mamãe-me-dê-dois	5%	ARR.
Xaréu-preto	5%	LIN.
Cururupa	5%	REA.
Bagre-manguinho	5%	REA, REB.
Saúna	15%	REB.
Sardinha-pelada	10%	REA, REB.
Baiacu camisa de meia	25%	LIN.
Baiacu-bubú	5%	LIN.
Manjubão	10%	LIN, REB.
Cação-cabeça-chata	5%	<b>REA, LIN.</b>
Pema	5%	LIN.
Cavala-aipim	15%	LIN.
Dorminhoco	10%	LIN, COV.
Linguado	5%	LIN.
Bicuda-do-alto	5%	LIN.
Pargo-liso	5%	LIN.

Corumpeba	5%	REA.
Corimã	5%	REA.
Baiacu-garajuba	10%	LIN.
Tubarão-branco	10%	LIN.
Remola	5%	<b>REA, LIN</b> , REB, RSA, MER.
Arraia mão de tranca	5%	<b>REA, LIN.</b>
Pescada de dente	5%	<b>REA, LIN.</b>
Pescada-canguçu	5%	<b>REA, LIN.</b>
Pescada Maria Luiza	5%	<b>REA, LIN.</b>
Agulhinha	5%	LIN, REB.
Baiacu de espinha	5%	LIN.
Tubarão-baleia	5%	ARPÃO.
Pianema	5%	LIN.

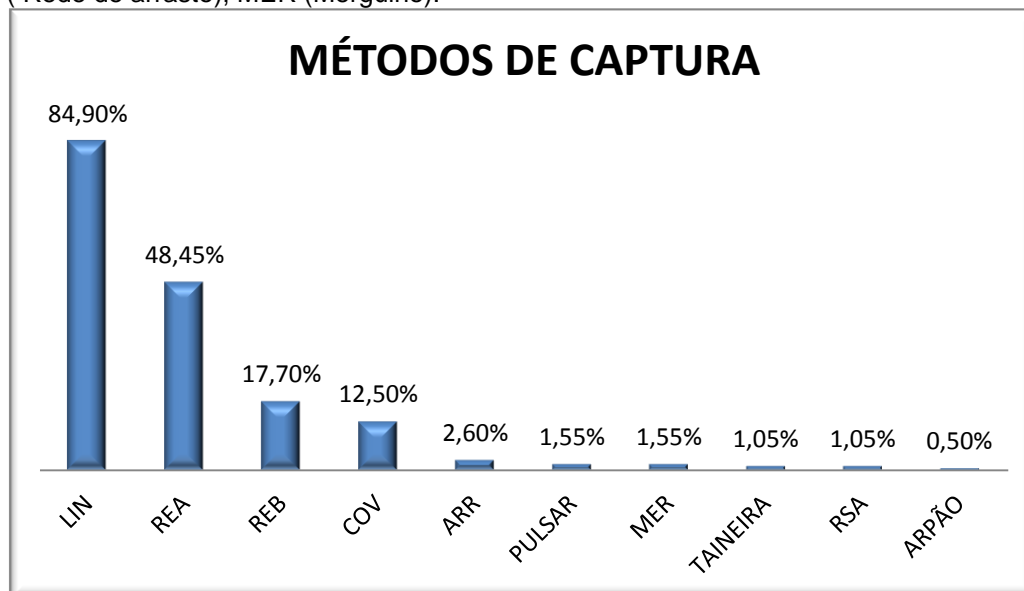
No Quadro 2, encontra-se destacado também o percentual da frequência de cada uma das espécies de acordo com as respostas recebidas durante a coleta dos dados. As espécies assinaladas com asterisco foram indicadas por pelo menos 70% dos entrevistados, perfazendo um total de 19 espécies entre aquelas mais citadas pelos pescadores. Encontram-se assinalados com um grifo os métodos de captura mais comuns que combinados são usados na coleta de algumas espécies. Quanto à formatação em negrito nos métodos de captura, é para indicar a combinação de métodos mais comuns na pesca de todas as espécies mencionadas.

No total, são apontadas 192 espécies genéricas *folks* pelos entrevistados, as quais eles conhecem que estão presentes na região em menor ou maior quantidade. Deste universo ictíco, 13 espécies são citadas por Mourão & Nordi (*op. cit*), tainha, sardinha, coró, paru, bagre, cação, espada, camurupim, camurim, soia, baiacu e mero em uma pesquisa realizada no litoral norte da Paraíba. Certamente, este universo ictiológico de 192 espécies apontadas pelos entrevistados representa uma grande contribuição desta pesquisa ao debate da etnoictiologia na Paraíba.

Foram apontados como principais métodos de captura pelos pescadores artesanais da Praia da Penha a linha (LIN), a rede de espera afundada (REA), a rede de espera boiada (REB), a rede de sardinha (RSA), a rede de arrasto (ARR), o covo (COV), o arpão, a tainheira, o pulsar e o mergulho. Todos estes métodos são definidos no marco teórico da pesquisa. São 10 métodos de captura diferentes, os

quais costumam ser usados em quantidade variável para a captura de uma mesma espécie, Gráfico 6.

Gráfico 6 – Principais Métodos Utilizados por Atores Sociais Entrevistados da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013. REA = Rede de espera afundada, LIN (Linha), COV (Covo), REB (Rede de espera boiada), RSA (Rede de sardinha), ARR (Rede de arrasto), MER (Mergulho).



A Linha (LIN) é o método praticamente universal na prática da atividade pesqueira na comunidade investigada. Sua aplicabilidade alcança maior porcentagem das 192 espécies citadas na região. O segundo método mais usual é a rede de espera afundada (REA). No geral, a combinação mais comum de métodos é resumida nesta dupla, a qual é compartilhada para a pesca de 74 espécies. Os valores alcançados com o uso da linha como método de captura de pescados entre os sujeitos entrevistados no trabalho de campo são praticamente idênticos aos patamares registrados por Mariano (2007) em sua pesquisa, com pescadores artesanais na costa da Paraíba que possui muitas características em comum com os pescadores artesanais da Praia da Penha.

Mariano (*op. cit.*), também enfatiza que a linha é usada preferencialmente na captura do ariacó, da cioba, do dentão, e da serra. Além dessas espécies, ele também confirma que a linha é o instrumento de captura utilizado na pesca do dourado, da baracuda e de várias espécies de tubarões, sobretudo com o uso da técnica de linha tipo corso embarcado com iscas vivas de tainhas ou sardinhas.

Comparando o uso normalmente atribuído do covo em outras regiões da Paraíba, verifica-se que na comunidade investigada a sua aplicação é bem superior

às médias percentuais registradas por Mariano (2007). Checando os resultados de captura com todos os métodos de rede (rede de espera afundada, rede de espera boiada, rede de arrasto, tainheira e rede de sardinha) do trabalho de Mariano com os índices registrados entre os pescadores artesanais da Praia da Penha, verifica-se que a comunidade investigada utiliza em menor quantidade estes apetrechos.

As 19 espécies mais citadas pelos pescadores entrevistados são também as mais desejadas na hora da alimentação e as que normalmente possuem melhor valor de revenda no mercado de pescados da região. Com destaque para as espécies, cioba, serra, cavala, dourado, dentão, atum, pescada, sardinha, cangulo, agulha e agulhão (incluindo-se todos os tipos morfológicos).

Das 192 espécies de pescado que os entrevistados dizem conhecer, 72 são apontadas como preferidas para a pesca, tanto por questões econômicas quanto por fatores alimentares, Quadro 3.

Quadro 3 – Percentuais das Espécies Preferidas para a Pesca por Atores Sociais da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.

<b>ESPÉCIES PREFERIDAS PARA PESCA</b>	
<b>ESPÉCIES</b>	<b>%</b>
Guarajuba e cioba (duas espécies)	95%
Serra (uma espécie)	80%
Cavala (uma espécie)	65%
Ariacó (uma espécie)	60%
Chicharro, Dourado (duas espécies).	50%
Dentão, atum/albacora e Arabaiana (três espécies).	45%
Garoupa, pescada (duas espécies).	40%
Sardinha, guaiuba (duas espécies).	35%
Galo do alto e serigado (duas espécies)	30%
Xira, mariquita e bagre (três espécies).	25%
Pargo, tainha, cangulo, abiquara, cação, cambuba, pampo e pirambú (oito espécies).	20%
Bicuda/baracuda, boca-mole, xaréu, peixe-rei, sapuruna, saramunete e agulha (sete espécies).	15%
Bonito, robalo, parú, agulhão, judeu e barbudo (seis espécies).	10%
Agulhão de vela, pilombeta, macaça, ubarana, pianema, galo, pescada-branca, pescada-amarela (loira), espada, bejupirá, cavala-aipim, pirá, piraúna, baúna, agulhão-rolço, budião, olho de vidro, peixe-gato, sabão, viola, piramutaba, camurim, mercador, canguito, agulha-preta, cabeça-dura, anchova/manjuba, caboduro, cururupa, caraúna, arraia e cação-lixo (32 espécies).	5%

As espécies de maior destaque listadas no Quadro 3 com maiores percentuais, quais sejam, guarajuba, cioba e a serra são presenças certas nos menus dos bares e restaurantes locais, além de espécies muito procuradas no mercado de peixes comunitário. Realizou-se uma observação *in loco* que complementou os resultados alcançados nas respostas dos entrevistados.

Os pescadores informaram durante as entrevistas que encontram os peixes que desejam por três meios distintos: usado o GPS, orientando-se pelo contorno das construções que ficam próximas à orla marítima e por marcação de pontos no mar, não descrevendo assim, a quilometragem percorrida que este avança no mar. Todos eles afirmaram que se orientam pelo GPS, enquanto 50% falaram que marcam pontos no mar, sobretudo através dos contornos das construções. Interessante notar que, nenhum dos entrevistados mencionou algum fenômeno natural como as marés e as fases da lua como meio de orientação na busca de cardumes.

Os pescadores sujeitos dessa pesquisa afirmaram que em todas as épocas do ano pescam, pois há espécies que são mais comuns em determinadas estações. Com certeza, uma dica interessante a ser observada em investigações posteriores é mensurar a quantidade de pescado capturado em cada época do ano e em que momento cada uma destas espécies é encontrada com maior facilidade.

#### **5.4 O Uso Alimentar e Zooterápico**

As comunidades tradicionais, isto é, com forte tradição construída pela sua cultura local normalmente contam com hábitos e práticas terapêuticas calcadas na flora e fauna circundante. Aliás, em pesquisas de cunho etnoictiológico descobrir até que ponto os peixes são usados na cura de alguns males é uma maneira interessantíssima de adentrar no universo simbólico local.

Mais do que isso, em comunidades de pescadores artesanais é muito comum tanto o uso alimentar como o medicinal dos peixes que são capturados na atividade pesqueira. É inegável a contribuição de muitas espécies no enriquecimento da dieta alimentar de inúmeras famílias que se dedicam a pesca, da mesma maneira que a aplicação na cura de alguns males. O que falta, no entanto, é mensurar

adequadamente o impacto que esta prática tem para um grupo de pescadores artesanais da Praia da Penha.

No que se refere ao uso alimentar ou zoterápico por pescadores entrevistados na comunidade da Praia da Penha se abordou um tema importante na pesquisa etnobiológica, as categorias de uso do pescado no perceber da comunidade. Em um primeiro momento, se perguntou sobre as espécies que são usadas na alimentação; em seguida, indagam-se quais são as espécies preferidas e as menos apreciadas à mesa; assim como aquelas espécies que, no olhar daqueles atores sociais, eram conhecidas como remosas e, finalmente indagou-se aos entrevistados sobre que espécie são usadas na cura patológica.

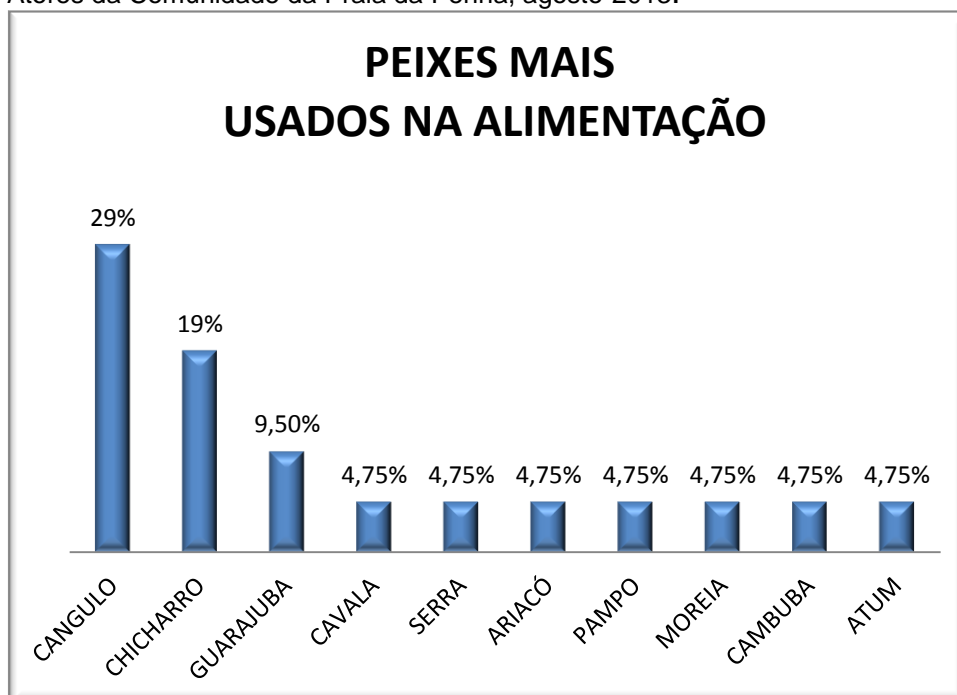
Num primeiro momento, foi averiguado se os peixes capturados na atividade de pesca eram usados na alimentação. Para esta questão preliminar verificou-se que apenas 10% dos peixes seriam usados à mesa enquanto que 90% deles com certeza seriam destinadas à venda no mercado local de pescados, fato que reforça o caráter essencial da atividade de pesca artesanal na comunidade da Praia da Penha, em que o produto da pesca é destinado prioritariamente à sobrevivência econômica dos pescadores e em um segundo plano o pescado é usado como base alimentar da família dos entrevistados.

Na comunidade da Praia da Penha, 75% dos pescadores entrevistados afirmaram preferir a ingestão do peixe como alimento em detrimento de outras fontes proteicas oriundas da carne, 15% deles afirmaram consumir mais a carne vermelha e 5% a carne de frango, outros 5% disseram que tanto faz. Certamente a preferência pela carne branca do peixe tem origem cultural. Afinal a comunidade possui tradições que já são secularmente seguidas por todos os seus moradores.

O Gráfico 7 apresenta os resultados percentuais das espécies mais citadas para fins alimentares pelos atores sociais que praticam a pesca artesanal na comunidade estudada.



Gráfico 7 Percentuais dos Peixes mais Citados como de uso Alimentar por Atores da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



Constatou-se que das 192 espécies apontadas pelos entrevistados no trabalho de campo 10 delas são usadas com maior frequência na alimentação diária da comunidade. Além disso, verifica-se que o cangulo desponta como a espécie mais comum à mesa, logo em seguida destacam-se o chicharro, a guarajuba com e a cavala, a serra, o ariacó, o pampo, a moreia, a cambuba e o atum todas com indicações respectivamente. Todas estas espécies, com exceção da moreia, também constam entre as mais preferidas na hora da pesca. Uma espécie ausente que se destacou em questões anteriores da pesquisa é a cioba. Afinal apesar de ser apontada como sendo uma das espécies mais desejadas na hora da pesca ela não é apontada como uma das mais usadas na alimentação diária dos pescadores. Certamente o seu valor comercial é o motivo pelo qual a sua apreciação na hora da pesca seja tão grande.

Com relação aquelas espécies de maior preferência a mesa os entrevistados afirmaram que a guarajuba (40,80%), o chicharro (25,90%) e o ariacó (18,50%), são as que mais agradam ao paladar e certamente vão com maior frequência a mesa. Foram citadas ainda, o atum, a cambuba, a serra e a cavala com 3,70% cada. Além de ser a espécie que recebe os maiores percentuais de presença e de preferência na hora da pesca no local investigado, a guarajuba (com 40,80%) também é a mais desejada à mesa. Uma ausência interessante é a do cangulo, uma vez que esta

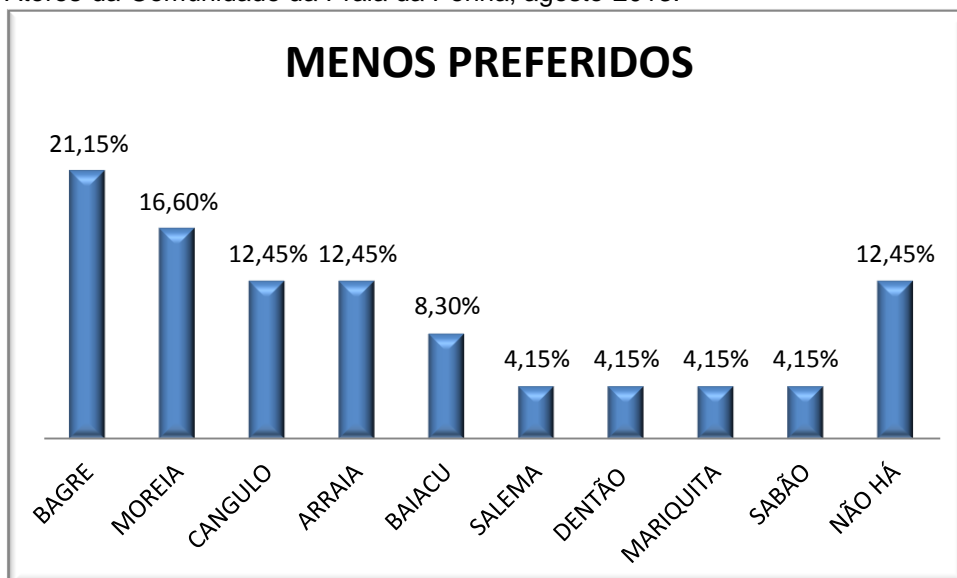
espécie é referida como a mais comum à mesa, no entanto não está incluída entre as mais desejadas na hora de alimentar-se.

Os pescadores artesanais da Praia da Penha desejam à mesa as melhores espécies, sobretudo por conta do sabor e da textura da carne. Porém, eles também precisam pensar no retorno financeiro de sua atividade. Sendo assim, espécies mais desejadas no mercado normalmente são presenças em menor grau na cozinha destes profissionais. Apesar disto, eles também comem e bem os peixes que são capturados.

No geral, o peixe é preparado como assado, frito, grelhado ou cozido, dependendo da preferência do pescador (na comunidade investigada verificou-se que 45% tinham como preferência o peixe frito e os outros 55% gostavam mais do cozido ao molho de coco). De qualquer maneira, o seu elevado valor nutricional contribui de maneira significativa à qualidade de vida dos pescadores artesanais da Praia da Penha.

Entre os entrevistados se averigou que espécies são menos preferidas à mesa em seus hábitos alimentares (Gráfico 8)

Gráfico 8 – Percentuais dos Peixes Citados como Menos Preferidos a Mesa por Atores da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.

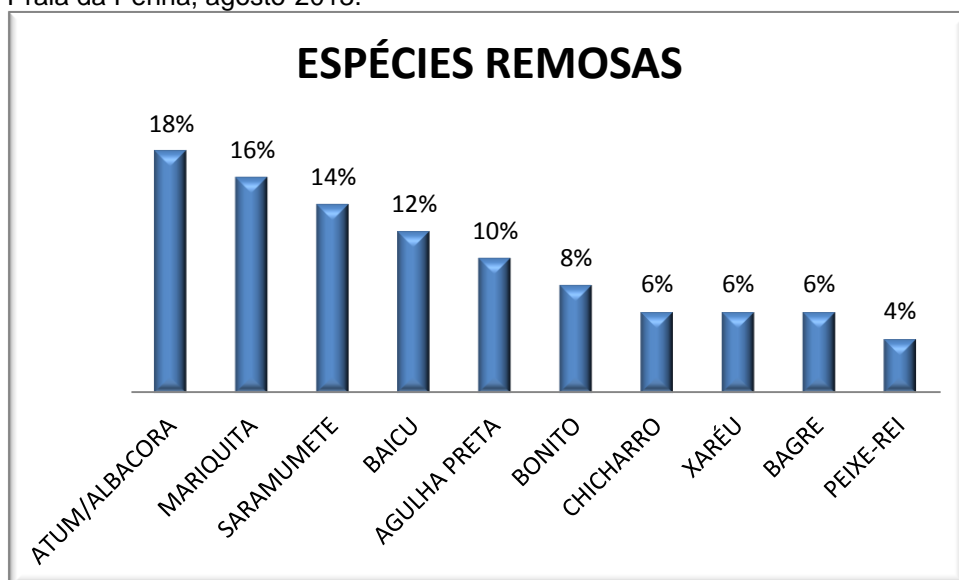


Verificou-se que nove espécies são apontadas como sendo menos preferidas à mesa, o bagre é apontado pelos entrevistados como a de menor apreciação de todas as espécies capturadas na região, em seguida são mencionadas a moreia, o cangulo e a arraia com a mesma porcentagem, o baiacu recebe um percentual duas vezes quando comparado a salema, o dentão, a mariquita e o sabão recebem a

indicação com uma mesma média de rejeição na hora da alimentação. Ao lado disso, destaca-se que apenas a moreia é uma espécie comum nas respostas apresentadas nas questões anteriores.

Ao serem indagados se reconheciam algumas das espécies citadas como remosas, ou seja, aquelas que de alguma maneira causam algum tipo mal à saúde na hora da alimentação, os pescadores evidenciaram onze espécies nesta categoria, os dados encontram-se expressos no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Espécies Referidas como Remosas por Atores da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



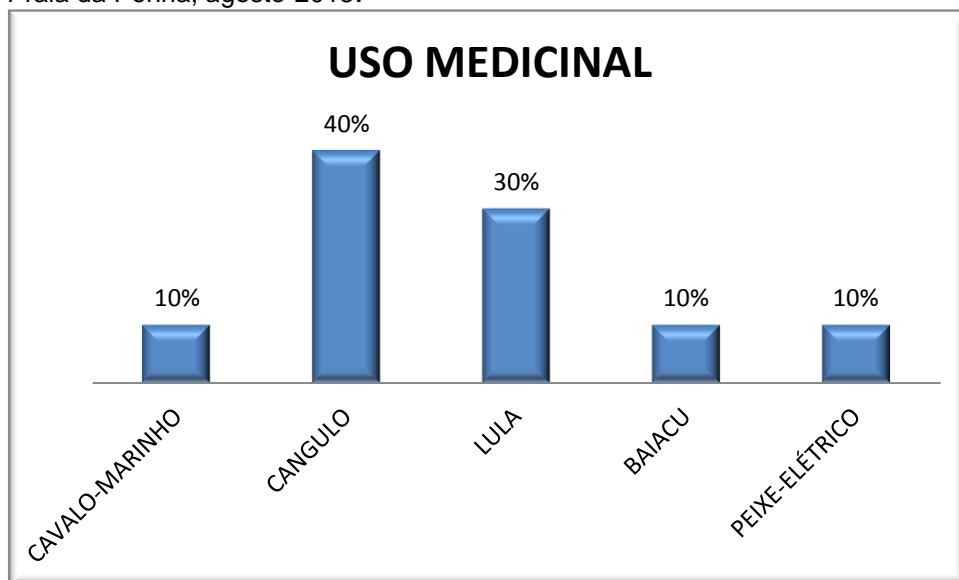
A espécie que recebeu maior percentual para esta categoria foi o atum com 18%. No entanto, a distribuição entre as espécies seguintes foi feita de maneira bem homogênea, visto que entre a mais mencionada e a quinta mais citada a diferença percentual é baixa. Uma observação pertinente para este questionamento é que se verifica que apenas três espécies são usadas em alguma oportunidade à mesa pelos entrevistados, ou seja, só o bagre, o chicharro e o atum.

O atum e, sobretudo, o chicharro merecem uma análise própria. Afinal estas duas espécies, mesmo apontadas como remosas, também são apreciadas à mesa. Por sinal, o chicharro é o peixe que possui a segunda maior preferência na hora de alimentar-se, mesmo sendo apontada como uma espécie remosa.

Descobrir as espécies que se enquadram nesta categoria de uso é uma excelente oportunidade de conhecer um pouco melhor tanto os hábitos como o conhecimento popular da comunidade investigada em relação ao potencial alimentar e medicinal de seu universo íctico.

Além do tradicional uso na alimentação, uma aplicação muito comum para algumas espécies que são capturadas em comunidades de pescadores com tamanha envergadura ictiológica é o medicinal. Entre os pescadores entrevistados. É consciente disto que apresentamos aos entrevistados algumas espécies foram alencadas na categoria de uso medicinal (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Espécies Citadas como Medicinal por Atores da Comunidade da Praia da Penha, agosto-2013.



Entre as espécies mencionadas pelos entrevistados destacam-se o cangulo com maior porcentagem devido o mesmo ser usado no tratamento de dor de ouvido. A lula , segunda maior citada, é utilizada no tratamento de cansaço, onde sua pena (nome dado de acordo com os pescadores da praia da Penha) é extraída e manipulada para uso oral. Com relação ao cavalo-marinho, seu uso zoterápico se dar em busca de maior desenvoltura sexual através da infusão. Antes de qualquer coisa, também é bom que se diga que apenas o cangulo , o baiacu e o cavalo marinho são espécies de peixes marinhos. Aliás, no levantamento etnoictiológico das espécies conhecidas na região os peixes de água salgada são mais mensurados, fato compatível à localização da comunidade investigada. Na pesquisa recente de Ferreira (2013), além destas espécies ele também menciona que a traíra, o camurupim, a pescada branca, a pescada amarela e a sicuri são usadas com fins zoterápicos em algumas regiões do Brasil.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade de pescadores artesanais da Praia da Penha possui características próprias, além de um conhecimento popular capaz de oferecer várias descobertas sobre o universo ictiológico do litoral da cidade de João Pessoa. Mas, até que ponto o potencial latente dos pescadores artesanais já foi explorado? Diante dos resultados que aqui são apontados, tais como: perfil socioeconômico, aspectos socioculturais, enumeração das espécies conhecidas e pescadas, uso alimentar e o uso zoterápico (sobretudo na discussão do material de campo) verifica-se que muita coisa ainda pode ser descoberta com o auxílio destes exímios profissionais da pesca.

Em busca de desvendar os meandros que permeiam o universo ictiológico de comunidades que exercem a pesca artesanal, a etnoictiologia é uma das vertentes científicas com maior potencial investigativo no momento. Aliás, nas mais variadas regiões do Brasil, não faltam boas possibilidades de estudo para quem deseja explorar ao máximo as potencialidades acadêmicas de comunidades análogas à vila de pescadores artesanais da Praia da Penha. No entanto, diante do triste cenário ecológico e social que se vive atualmente, as possibilidades de explorar uma pesquisa deste tipo no futuro tornam-se escassas a cada ano. Afinal tanto a velocidade das mudanças provocadas pelo fator antrópico, como os resultados de tantos desafios das mais variadas naturezas, eliminam vorazmente comunidades e ecossistemas inteiros.

Com o levantamento de 192 espécies de peixes na região, verificou-se que 72 espécies são preferidas a pesca devido sua maior comercialização, sendo as três mais procuradas a Guarajuba, Cioba e Serra por seu valor econômico. O uso alimentar, zoterápico e os métodos de captura, também servirão de parâmetro para futuras investigações que se interessem por temas que aqui são avaliados. Também evidencia-se que há uma visível redução do interesse dos mais jovens pela prática da pesca artesanal na comunidade investigada. Esta redução é fruto do decaimento da captura de pescado, provocada pela degradação ambiental dos últimos anos. A expansão imobiliária e as mudanças socioculturais são fatores chaves que reforçam a dinâmica deste processo em comunidade tradicional de pescadores.

Uma pesquisa que serviu como parâmetro aos resultados almejados nesta atividade em particular é pesquisa exploratória desenvolvida por Oliveira *et al* (2010) nas comunidades de pescadores das praias do Seixas e da Penha. Certamente, os resultados desse trabalho contribuíram para o enriquecimento de muitas argumentações e resultados que aqui foram alcançados. Com certeza, a evolução e a dinâmica das mudanças sociais que são vislumbradas no espaço de tempo que separa a pesquisa feita nesta monografia com o trabalho de Oliveira *et al.* (*op. cit*), é uma fonte valiosa de argumentações e resultados, a qual foi explorada na medida do possível.

Enfim, deseja-se, pelo menos, que uma nova pesquisa de cunho etnoictiológico seja realizada na comunidade de pescadores da Praia da Penha para que o seu potencial humano e ecológico seja conhecido por completo.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. **Caiçaras na mata Atlântica: pesquisa versus planejamento e Gestão ambiental**. Annablume: FAPESP. São Paulo. 337p, 2000.
- ALVES, A.G.C . ALBUQUERQUE, U.P. **Exorcizando termos em etnobiologia e etnoecologia**. In: ALVES, A.G.C., ALBUQUERQUE, U.P. & LUCENA, R.F.P. (Org.). Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. Volume 2. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia/Núcleo de Publicações em Ecologia Etnobotânica. Recife, 2005.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. **Why study the use of animal products in traditional medicines?** Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine 1:5. 2005.
- ALVES, R. R. N. **Fauna Used in Popular Medicine in Northeast Brazil**. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine 5:1-30. 2009.
- ALVES, R.R.N, GONÇALVES, M.B.R. e VIEIRA W. L. S. **Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro**. Tropical Conservation Science. v.5(3): p.394-416. 2012.
- ALVES, R. R. N.; ROSA, I. L. Introduction: Toward a Plural Approach to the Study of Medicinal Animals. In: **Animals in Traditional Folk Medicine**. Springer Berlin Heidelberg. p. 1-9. 2013.
- BANDEIRA, F. P. Construindo uma epistemologia do conhecimento tradicional: problemas e perspectivas. **Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia**, Feira de Santana, Brasil, p.109-133. 2001.
- BARBOSA, Flávio Alves. **Descomplicando o Complicado: Aprendendo a fazer uma monografia em três dias**. Editora Ciência Moderna: Rio de Janeiro, 2010.
- BEGOSSI, A.; GARAVELLO, J.C. **Notes on the ethnoichthyology from Tocantins River**. Acta Amazonica, Manaus, v. 20, p. 341-351, 1990.
- BEGOSSI, A.; FIGUEIREDO, J. L. **Ethnoichthyology of southern coastal fishermen:cases from Búzios Island and Sepetiba Bay (Brazil)**. Bulletin of Marine Science 56(2):682-689, 1995.
- BEGOSSI, A., SILVANO, R.A.M., AMARAL, B.D.; OYAKAWA, O.T. **Uses of Fish and Game by Inhabitants of an Extractive Reserve (Upper Juruá, Acre, Brazil)**. Environment, Development and Sustainability 1 (1): 73-93, 1999.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. and PERONI, N. **Knowledge and use of biodiversity in Brazilian hot spots**. Environment, Development and Sustainability, 2: 177-193. 2000.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N. & SILVANO R.A.M. Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação. In: Amorozo M.C.M., Ming L.C., da Silva S.P. (eds) **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas**. UNESP/CNPQ: Rio Claro, 93 – 128, 2002.
- BEGOSSI, A. **Artisanal fisheries in the SE Brazilian coast: using fisher information towards local management**. In: Pineda, F.D. & Brebbia, C.A. (eds). Sustainable Tourism, WIT Press, Southampton, UK, p. 239 – 245, 2004.

BERKES, F. **Sacred Ecology – Traditional Ecological knowledge and Resource Management**. Taylor & Francis, Philadelphia, 209 pp, 1999.

BERKES, F.; COLDING J. & FOLKE, C. **Rediscovery of Traditional Ecological Knowledge as adaptative management**. *Ecological Applications*. 10(5): 1251-1262, 2000.

Brasil. Ministério da Pesca e Aquicultura (2010) Boletim estatístico da pesca e aquicultura: Brasil 2012. pp. 22. Disponível em: <[http://www.mpa.gov.br/images/Docs/Informacoes\\_e\\_Estatisticas/Boletim%20Estat%20C3%A4Dstico%20MPA%202010.pdf](http://www.mpa.gov.br/images/Docs/Informacoes_e_Estatisticas/Boletim%20Estat%20C3%A4Dstico%20MPA%202010.pdf)> Acesso em: 17 abr. 2013.

CARVALHO, M.G.R.F. **Estado da Paraíba: Classificação Geomorfológica**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB. 72p. 1982.

CLAUZET, M. **Etnointiologia e uso de recursos naturais por pescadores artesanais costeiros no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP, 2009. Tese de Doutorado.

CORNETA, C. M. **Etnoictiologia de pescadores artesanais da vila de Pinguaba, Ubatuba, São Paulo**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas (SP). [s.n.], 2008.

COSTA-NETO, E. M. **Folk taxonomy and cultural significance of ‘abeia’ (Insecta, Hymenoptera) to the Pankararé, Northeastern Bahia, Brazil**. *Journal of Ethnobiology*18(1): 1-13. 1998.

COSTA-NETO, E. M.; MARQUES, J. G. W. **Conhecimento Ictiológico Tradicional e a Distribuição Temporal e Espacial de Recursos Pesqueiros pelos pescadores de Conde, Estado da Bahia, Brasil**. Em pauta - Revista Etnoecológica. V. IV. Nº6. Julho, p. 56 –68, 2000.

COSTA-NETO, E. M.; MARQUES, J. G. W. **A Enotaxonomia de recursos ictiofaunísticos pelos pescadores da comunidade de Siribinha, Norte do Estado da Bahia, Brasil**. *Biociências*, 8 (2): 61-76, . 2000a.

COSTA-NETO, E. M. C.V; MELO, M.N. **O conhecimento ictilógico tradicional dos pescadores da cidade de Barra, região do médio São Francisco, Estado da Bahia, Brasil**. *Acta Scientiarum*.24 (2): 561-572, 2002.

DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, A.C. **Projeto Socioambiental de Reserfa Extrativista Marinha para o Ecodesenvolvimento- Arraial do Cabo (RJ)**: Programa Petrobras Ambiental. COPPE/UFRJ, 2007.

FERREIRA, F S. **Fauna Medicinal comercializada no Brasil**: Etnozoologia, bioprospecção e conservação. João Pessoa: UFPB/CCEN, 2013. Tese de Doutorado.

GADGIL, M.; BERKES, F. & FOLKE, C. **Indigenous knowledge for biodiversity Conservation**. *Ambio*, 22, p.151-156, 1993.

GODELIER, M. **L'idéal et le matériel. Pensée, économies, sociétés**. Paris: Fayard, 348p, 1984.

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). **Estatística Pesqueira do Brasil**. 2006. Disponível em: [http://www.ibama.gov.br/ma/wp-content/files/boletim\\_2006.pdf](http://www.ibama.gov.br/ma/wp-content/files/boletim_2006.pdf). Acesso em: 17 abr. 2013.



LIMA-SILVA, L. **Estudo da viabilidade da produção em cativeiro do peixe ariacó (*lutjanus synagris*):** Proposta de conservação da biodiversidade marinha e de desenvolvimento local para os pescadores da praia da Penha-PB. João Pessoa: PRODEMA/UFPB, 2007. 106p. Dissertação de Mestrado.

LEV, E. **Traditional healing with animals (zootherapy):** medieval to present - day Levantine practice. *Journal of Ethnopharmacology*. v.86, p.107 - 118. 2003.

MARIANO, Erich de Freitas. **Pesca Artesanal na costa da Paraíba:** Procedimentos e capturas da pesca embarcada e aspectos socioeconômicos da população. Complemento: João Pessoa: UFPB/CE 2007. Dissertação de Mestrado.

MARQUES, J.G.W. **Aspectos ecológicos na Etnoictiologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas.** Tese de Doutorado, Instituto de Biologia, UNICAMP, Campinas (SP), 1991.

MARQUES, J.G.W. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. Resumos da 47a. **Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, Vitória, Brasil, 1994.

MARQUES, J. G. W. **Pescando Pescadores: uma etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano.** São Paulo, Nupaub - USP, Brasil, 304 pp, 1995.

MARQUES, J.G.W. **Pescando Pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica.** São Paulo, NUPAUB, 258 p, 2001.

MORRIL, W.T. **Ethnoichthyology of the Cha-Cha.** *Ethnology*. 5(4): 405-416, 1967.

MOURÃO J. S.; NORDI N. **Etnoictiologia de Pescadores Artesanais do Estuário do rio Mamanguapé Paraíba, Brasil.** B. Inst. Pesca. São Paulo, 2003 29(1): 9 – 17.

OLIVEIRA, P. A. , VENDEL, A. L. e CRISPIM, M. C.B. **Caracterização socioeconômica e registro da percepção dos pescadores de lagosta das praias do Seixas e Penha, João Pessoa, PB.** B. Inst. Pesca. v.35(4): p.637-646, 2010.

PAZ, V.; BEGOSSI, A. **Ethnoichthyology of Gamboa fishermen (Sepetiba bay, Rio de Janeiro State).** *Journal of Ethnobiology* 16(2): 157-168, 1996.

POSEY, D. A.. **“Introdução – Etnobiologia: teoria e pratica”.** In: Ribeiro, B. (org.). SUMA Etnobiologia Brasileira. Vol. 1 (Etnobiologia) FINEP/Vozes, Petrópolis – RJ, 1987.

RODRIGUES, S. C. **A pesca Artesanal no Município de Cabedelo:** entre o desaparecimento e a resistência. João Pessoa: UFPB/CCEN, 2006. Dissertação de Mestrado.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. **As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia.** Ilhéus (BA), 2007.

SEIXAS, C.; A. BEGOSSI. **Ethnozootology of caiçaras from Aventureiro, Ilha Grande.** *Journal of Ethnobiology* 21(1): 107-135, 2001.

SILVA, J. C. **Pesca artesanal no litoral norte da Paraíba: contradição e pobreza.** Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 151f, 1986.

SILVA, L. L.; ANDRADE M. O. **Pescadores artesanais da praia da Penha – PB: novos paradigmas.** Biologia e Ciência da Terra. v.10, ed 2, 2010.

SILVANO, R.A.M.; BEGOSSI, A. **Local knowledge on a cosmopolitan fish.** Ethnoecology of Pomatomus saltatrix (Pomatomidae) in Brazil and Austrália. Fisheries Research, 71:43-59, 2004.

SOUZA, M. R.; BARRELLA, W. **A pesca na estação ecológica de Juréia-Itatins: ecologia e etnoictiologia em duas comunidades caiçaras.** Relatório Final de Bolsa de IC- FAPESP 00/07471-9, 2001.

SOUZA, M. G. **A vida e Cotidiano dos Pescadores Artesanais de Nossa Senhora do Livramento, Santa Rita, PB:** aspectos gerais e etnoconhecimento. João Pessoa: UFPB/CCEN, 2010. Dissertação de Mestrado.

# ANEXOS

**Universidade Estadual da Paraíba- UEPB**  
**Departamento de Ciências Biológicas da Saúde**  
**Licenciatura em Ciências Biológicas**  
**Pesquisador: Dyego Medeiros de Almeida**

Nome: \_\_\_\_\_

**PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO**

Estado Civil: Casado ( ) Solteiro ( ) Separado ( ) Desquitado ( ) Divorciado ( ) União Consensual ( )

Grau de Instrução: Analfabeto ( ) – apenas escreve o nome ( ) apenas lê ( ) lê e escreve ( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino médio completo ( ) Ensino médio incompleto ( ) ensino superior completo ( ) ensino superior incompleto.

**Dados da Atividade, Renda Mensal e Previdência Social**

Atividade principal \_\_\_\_\_ Outras \_\_\_\_\_

Quantas pessoas residem com o senhor? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo reside nessa região? \_\_\_\_\_

Idade do informante \_\_\_\_\_

**PERGUNTAS GERAIS**

O senhor (a) Pesca? ( ) SIM ( ) Não

01 – A pesca na comunidade da praia da Penha (município de João Pessoa) é antiga?(opinião do entrevistado)

( ) Sim ( ) Não

02 – Hoje se pratica menos a pesca que antigamente?

( ) Sim ( ) Não ( ) Mesma coisa. Por quê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

03 – Como o senhor (a) começou a pescar?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

04 – Com que idade começou a pescar? \_\_\_\_\_

05 - Porque você pesca?

( ) Para alimentação própria e de sua família, já que não tem dinheiro o suficiente para comprar carne ou outros mantimentos.

( ) Para ganhar algum dinheiro.

( ) Por entretenimento.

( ) Para criação ornamental .

( ) Para vender . Quanto a pesca representa em sua renda? \_\_\_\_\_

Outro

motivo: \_\_\_\_\_

06- Quais as espécies (tipo de peixe) que o senhor pesca?

---

---

---

---

---

07. Quais os peixes que o senhor conhece? A arte de pesca que utiliza para capturá-lo?

Peixe	Arte de pesca*	Observações:
1	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
2	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
3	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
4	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
5	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
6	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
7	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
8	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
9	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
10	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
11	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
12	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
13	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
14	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
15	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
16	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
17	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
18	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
19	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
20	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
21	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
22	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
23	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
24	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
25	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
26	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
27	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV()	

	ESP() ARR() MER()	
28	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
29	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
30	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
31	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
32	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
33	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
34	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
35	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
36	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
37	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
38	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
39	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
40	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
41	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
42	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
43	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
44	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
45	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	

\* REA = rede de espera afundada, REB = rede de espera boiada, RSA = rede de sardinha, RAG = rede de agulha, LIN = linha, COV = covo, ESP = espinhel, ARR = arrasto, MER = mergulho.

Peixe	Arte de pesca*	Observações:
46	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
47	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
48	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
49	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
50	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
51	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
52	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
53	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
54	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
55	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
56	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
57	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
58	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
59	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
60	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
61	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
62	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
63	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
64	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
65	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
66	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
67	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
68	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
69	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
70	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
71	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
72	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
73	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
74	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
75	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	
76	REA() REB() RSA() RAG() LIN () COV() ESP() ARR() MER()	

\* REA = rede de espera afundada, REB = rede de espera boiada, RSA = rede de sardinha, RAG = rede de agulha, LIN = linha, COV = covo, ESP = espinhel, ARR = arrasto, MER = mergulho.

08. Como o senhor localiza os peixes a serem capturados?

---



---

9. Com que frequência o senhor pesca?

---

---

---

---

10. Qual o peixe ou crustáceo mais difícil de ser encontrado nessa região ultimamente? (Se sim, quais os motivos).

---

---

---

---

11- Qual o melhor período para a pesca?

---

---

---

---

12- Os mais jovens na comunidade se interessam em aprender técnicas artesanais de pesca?

---

---

---

## DIFERENTES TIPOS DE USO

### 1. USO ALIMENTAR

1.1. Todos os peixes são utilizados para a alimentação? SIM ( ) NÃO ( )

1.2. Existe algum peixe que não se come?

---

---

1.3. Prefere carne, frango ou peixe? Por quê?

---

---

---

1.4. Quantas vezes na semana o senhor come peixe?

Não come ( ) Come às vezes ( ) 1 ( ) 2 ( ) 3 ( ) 4 ( ) 5 ( ) 6 ( ) Todos os dias ( )

1.5. Quais os peixes que o senhor come normalmente?

Nome do peixe	Forma de Preparo	Parte Utilizada
1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		



1.6. Qual peixe come com mais frequência? E como gosta de preparar?

---

---

---

---

1.7. Qual peixe gosta mais de comer? Por quê?

---

---

---

---

---

1.8. Quais peixes não gosta de comer? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

1.9. Tem algum peixe que evita comer? Por quê? Em alguma época específica?

---

---

---

---

---

---

---

1.10. O que são peixes remosos? O que eles causam? Quem são eles?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

1.11. Qual peixe não come de jeito nenhum? Por quê?

---

---

---

---

### OUTROS TIPOS DE USO

**TIPO:** Medicinal(    ) Doença: \_\_\_\_\_  
 Artesanato(    ) Religioso/Místico(    )

Outros: \_\_\_\_\_

Nome do peixe: \_\_\_\_\_

Parte utilizada: \_\_\_\_\_ Modo de uso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**TIPO:** Medicinal(    ) Doença: \_\_\_\_\_  
 Artesanato(    ) Religioso/Místico(    )

Outros: \_\_\_\_\_

Nome do peixe: \_\_\_\_\_

Parte utilizada: \_\_\_\_\_ Modo de uso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ **TIPO:** Medicinal(    )

Doença: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Artesanato(    ) Religioso/Místico(    )

Outros: \_\_\_\_\_

Nome do peixe: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Parte utilizada: \_\_\_\_\_ Modo de uso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**TIPO:** Medicinal(    ) Doença: \_\_\_\_\_  
 Artesanato(    ) Religioso/Místico(    )

Outros: \_\_\_\_\_

Nome do peixe: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Parte utilizada: \_\_\_\_\_ Modo de uso: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_